



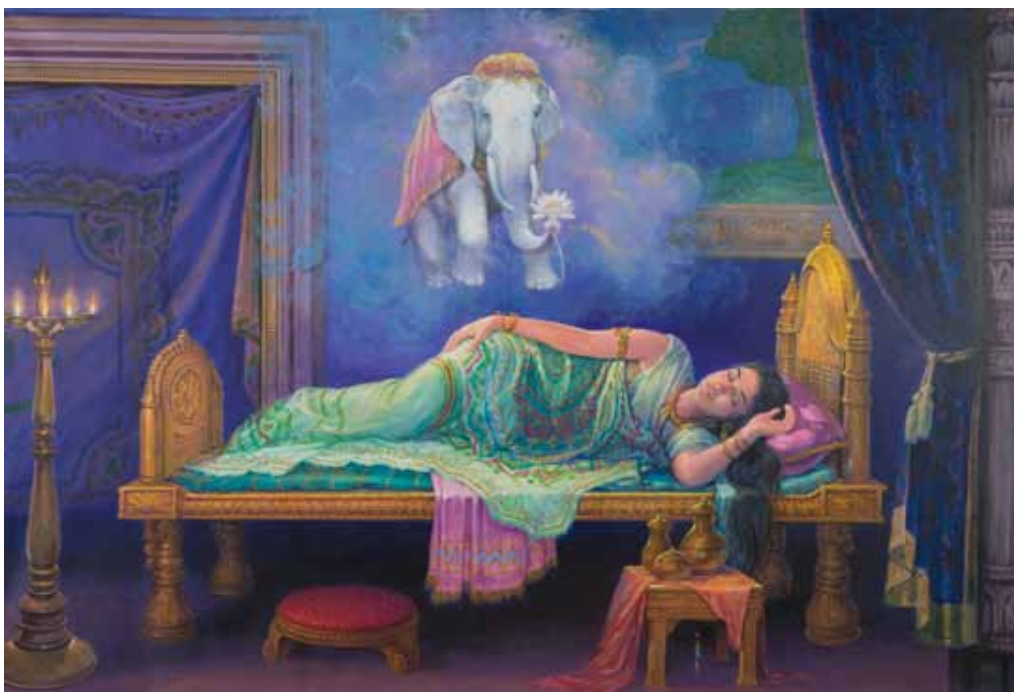
1. O asceta Sumedha

Há muitos aeons, quando Dipankara era um Samma Sambuddha, atendendo ao desejo do asceta Sumedha, um devoto brahman que jazia caído na estrada lamacenta, ele o benzeu e previu que, após acumular perfeições durante muitos aeons, Sumedha se transformaria, finalmente, em um Buda com o nome de Sidarta Gótama.

Dhuvam buddho bhavissasi.

Esta auspiciosa declaração do Buda ressoou pelos céus e seu ecoar foi ouvido durante muito tempo.

Ao mesmo tempo, cumprindo o desejo da brâmane Sumitra, o senhor Dipankara também a benzeu e previu que, durante muitas vidas, ela teria esse jovem como marido e, finalmente, quando ele nascesse com o nome de Sidarta Gótama no clã dos Shakya, ele se converteria em um Samma Sambuddha. Nesse nascimento, ela seria sua esposa com o nome de Yashodhara e, tendo aprendido Vipassana com ele, se libertaria dos ciclos da vida e da morte.



2. O sonho de Mahamaya

Os aeons passavam, um após o outro, enquanto o Boddhisatta trabalhava duro para acumular por completo as perfeições necessárias. Agora era chegado o momento do seu último nascimento. Para tanto, escolheu a virtuosa mãe Mahamaya.

Mahamaya estava profundamente adormecida no seu quarto. Teve um sonho. Um majestoso elefante branco apareceu carregando, com sua tromba, umas brancas e belas flores de lótus. Saudou a mãe Mahamaya e entrou no seu ventre. Essa foi a última existência do Boddhisatta em um ventre.



3. Nascimento

Ao aproximar-se a hora do parto, a rainha Mahamaya expressou o desejo de ir à casa de seus pais em Devadaha. Começou sua viagem para Devadaha a partir de Kapilavatu. No caminho, ao ver o lindo parque de Lumbini, decidiu parar ali por um tempo. Desceu do seu carro. Enquanto passeava pelo parque, ao estender a mão para segurar o galho de uma árvore de Sala, o filho nasceu. O Boddhisatta, tendo acumulado por completo todas as perfeições necessárias, era o mais avançado do mundo, o maior do mundo, o mais elevado do mundo. Era seu último nascimento. Já não haveria mais nascimentos para ele.



4.O asceta Kaladeva.

A mãe voltou com a criança recém-nascida ao palácio de Kapilavatu. Havia felicidade por toda parte. Quando o asceta Kaladeva, mestre real dos Shakyas e dos Koliyas, soube do nascimento de um filho da casa real dos Shakyas, veio vê-lo. O pai mostrou seu filho recém-nascido ao asceta Kaladeva. Inesperadamente, o pé da criança entrou em contato com os cabelos do asceta. O asceta ficou repleto de felicidade. Porém, pouco depois, também começou a chorar. Estava em êxtase por dar-se conta de que, no futuro, essa criança iria se converter em um Samma Sambuda, sendo assim a causa do bem-estar de muitos. Estava triste porque não iria viver o suficiente para vê-lo. Informou a seu sobrinho, Nalaka, de que, quando esta criança se convertesse em Samma Sambuda, Nalada deveria aprender Dhamma com ele para libertar-se.



5.A primeira meditação do pequeno Sidarta.

Quando a criança tinha sete anos, de acordo com a tradição real anual, esse ano também no início da época das grandes chuvas, o rei Suddhodhana realizou o plantio cerimonial. Foi organizada uma grande feira para a ocasião. As pessoas desfrutavam das festas. Mas Sidarta não estava em absoluto interessado nelas. Sentou-se para meditar sob uma enorme Jambu, ou seja, uma árvore Pomarrosa. Ao ver isso, seu pai teve um impulso de fé e se inclinou diante do seu filho.



6.O violento Devadatta.

O príncipe Devadatta era primo de Sidarta por parte de mãe. Seus comportamentos eram radicalmente opostos. Devadatta tinha prazer em atravessar os pássaros com suas flechas, enquanto Sidarta somente gerava compaixão pelas mesmas aves. Um dia, Devadatta disparou uma flecha contra um cisne em vôo e, em função disso, o pássaro ferido tombou ao solo. Sidarta o tomou nos braços e cuidou dele. Devadatta quis ficar com o pássaro, pois havia sido ele a caçá-lo, mas não lhe foi permitido. É aquele que salva, e não aquele que atira, que tem direito ao pássaro.



7. Um arqueiro inigualável

O príncipe Sidarta também havia alcançado o domínio do tiro com arco e flecha. Mas, ao praticar, em vez de matar aves, sequer feria as árvores com suas flechas. Colocava um pedaço de madeira seca na árvore. Com essa prática inofensiva, alcançou a perfeição como arqueiro.



8. Guerreiro valente e ginete perito.

Existia certo receio quanto às habilidades do príncipe Sidarta como guerreiro, portanto, duvidava-se que tivesse condições de governar o reino. Venceu a prova com êxito. O povo ficou feliz.

Montar a cavalo era um requisito essencial para um guerreiro valente. Também foi testado nessa área. Controlou um cavalo selvagem enfurecido, simplesmente ao acariciá-lo amorosamente. Ao ver isso, as pessoas ficaram impressionadas e satisfeitas.



9.O casamento da filha de Suppabuddha, o rei Koliya.

Suppabuddha, o rei Koliya de Devadaha, queria casar sua filha Yashodhara. Ele gostava do príncipe Sidarta, mas duvidava que fosse a pessoa certa. Quis colocar o príncipe à prova. Ao verificar que era inteiramente competente na prova, deu a mão de sua filha ao príncipe Sidarta.



10 O primeiro dos quatro presságios

O príncipe Sidarta cresceu. No entanto, não demonstrava qualquer interesse pelos passatempos da realeza. Certa vez, quando foi conhecer a cidade de Kapilavatu, viu quatro presságios que geraram nele uma urgente necessidade de Dhamma:

Viu uma pessoa que se achava extremamente doente. Ao perguntar sobre ela ao seu cocheiro, este respondeu que todos teremos de passar por esse estado.



11.O segundo presságio

À medida que o príncipe seguiu seu percurso, viu um ancião caminhando apoiado em um bastão. Suas costas estavam curvas. O cocheiro lhe disse sermos todos suscetíveis de chegar a esse estado.



12.O terceiro presságio

Ao continuar mais além, viu algumas pessoas carregando um cadáver para ser incinerado na pira funerária. O cocheiro lhe disse que todos os seres estão sujeitos à morte. Todo mundo deve morrer.



13.O quarto presságio

Mais adiante, viu um asceta sentado, absorto em meditação. Ao falar com o asceta, surgiu em sua mente a aspiração de se libertar dos desejos mundanos, “Que eu também consiga adquirir o domínio da meditação dessa maneira e alcance a iluminação total”. Com essa determinação, retornou ao palácio.



14. A partida

Quando o príncipe voltou ao palácio, depois de percorrer a cidade, soube que sua mulher Yasodhara tinha dado a luz ao seu filho. O príncipe decidiu renunciar à vida do lar e partir. Antes de sair, pensou que deveria ver seu filho recém-nascido. Para tanto, foi ao quarto e encontrou sua mulher Yasodhara profundamente adormecida com o braço em volta da cabeça da criança. Pensou não ser apropriado despertar Yasodhara. De modo que não pôde ver por completo o rosto de Rahula. Decidiu que depois de alcançar a completa iluminação, voltaria a Kapilavatu para ver o rosto do seu filho. Com esse pensamento, deixou a casa para trás.



15. Vestindo roupas de recluso

Montado em seu cavalo predileto, Kanthaka, deixou o palácio e a cidade de Kapilavatu. Seu companheiro cocheiro, Chandaka, foi junto. Mais adiante, atravessaram o rio Anoma e desmontaram. Ali retirou os seus trajes reais e vestiu o manto cor de açafrão dos reclusos. Raspou a cabeça. E, despedindo-se de Chandaka e Kanthaka, partiu em busca da sua meta espiritual.



16. Viagem a Magadha

Seu objetivo era ir a Magadha, onde havia mestres da tradição Samaṇa. A caminho, passou por Rajgiri, capital de Magadha. As pessoas ficavam impressionadas ao ver aquele monge radiante. Foi de casa em casa esmolando. Depois, aproximou-se da caverna de Pandu e sentou-se para comer. Ao terminar a refeição, Bimbisāra, o rei de Magadha, veio ao seu encontro. O rei soube que aquele monge era filho do seu amigo, o rei dos Sakya. Bimbisāra pediu-lhe que deixasse a vida de asceta e ofereceu-lhe uma parte do seu próprio reino. Mas Sidarta manteve-se firme em sua decisão. Recusou com firmeza a oferta e seguiu seu caminho.



17.O mestre Aḷāra Kālāma

Naquela época, havia dois professores notáveis que ensinavam absorções meditativas, ou seja, jhānas. Um dos professores era o mestre Aḷāra Kālāma.

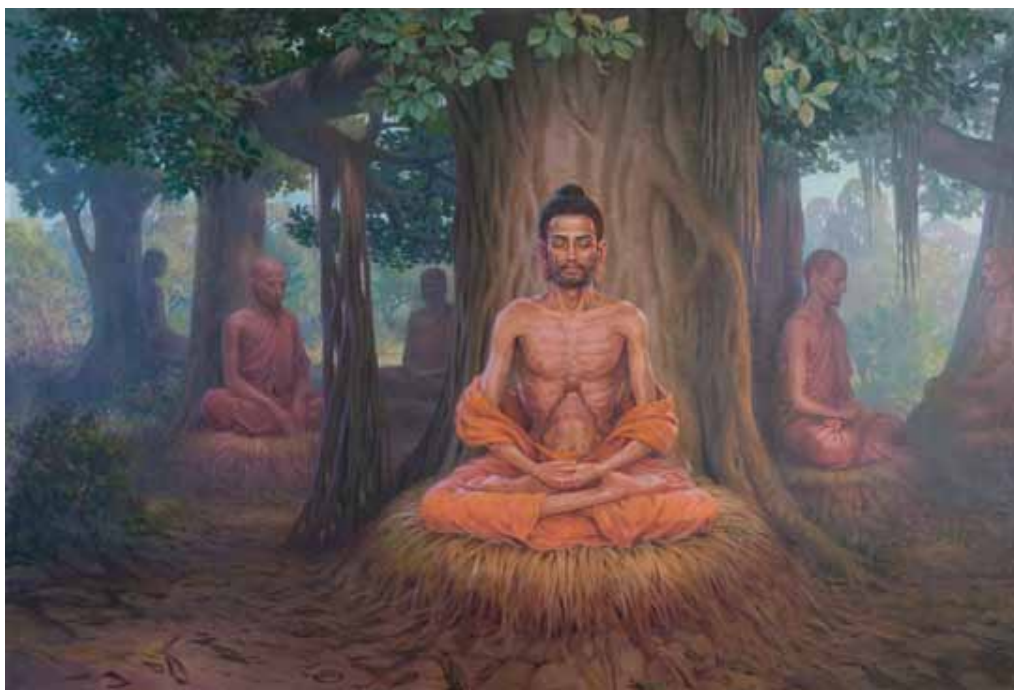
Sidarta o asceta foi ao centro de meditação e manifestou seu desejo de aprender com Aḷāra Kālāma, o qual se mostrou encantado de acolher semelhante discípulo e o treinou no sétimo jhāna (absorção meditativa). Ele alcançara apenas o sétimo jhāna.

Sidarta não ficou satisfeito, pois o que ele buscava era a libertação. Portanto, manifestou sua gratidão e seguiu adiante.



18. Uddaka Rāmaputta

Uddaka Rāmaputta era outro renomado professor de jhānas elevados. O asceta Sidarta foi ao seu ashram e aprendeu com ele o oitavo jhāna. Porém, ainda não estava satisfeito. Queria experimentar a realidade mais além de todas as existências, o estado que é permanente, eterno, sem morte e imortal. Para tanto, agradeceu ao mestre Uddaka Rāmaputta e partiu em busca da iluminação.



19. Práticas de austeridade

Naqueles tempos, Uruvela era um lugar muito conhecido para a prática de austeridades meditativas. Samaṇa Gótama foi para lá e sentou-se para meditar. Outros cinco astrólogos de Kapilavatu, que andavam à sua procura, também foram para aquele local e se sentaram junto dele para meditar. Naquela época, existia a forte crença de que torturar o próprio corpo levaria à purificação da mente e ao estado permanente e eterno que transcende todos os reinos mundanos.



20. Abandonando as austeridades

Sidarta praticou diversas austeridades e torturou seu corpo com jejum. Estava esquelético. Porém, apesar das severas austeridades, não obteve o resultado da experiência suprema. Abandonou este caminho de extremos e tomou refúgio no caminho do meio. Começou a se alimentar. Os seus cinco companheiros ficaram decepcionados. Pensaram que tivesse perdido o rumo e que, portanto, não poderia se converter a Sambuda. De modo que partiram e o deixaram sozinho.

Os 5 sonhos

Antes do amanhecer da véspera da noite da lua cheia de Vesaka, teve cinco sonhos.



21. Primeiro sonho

Sonhou que o seu corpo crescia cada vez mais. A sua cabeça repousava no pico mais alto dos Himalaias e a sua mão direita era banhada pelas ondas do mar. Sua mão esquerda era banhada pelas ondas da baía de Bengala. Seus pés eram banhados pelo oceano Índico. Graças a esse sonho, pela primeira vez na história da Índia e do Nepal temos um claro esboço do subcontinente indiano. Esse sonho significa que se converteria a Samma Sambuda e seus ensinamentos iluminariam o subcontinente indiano inteiro, não apenas se limitando a este, mas expandindo-se tal qual indicava o sonho: desde o alto da cabeça até os países do norte e das mãos e dos pés, através dos mares, até países distantes, para o benefício de toda a humanidade.



22.Segundo sonho

No segundo sonho, viu que uma planta germinava do seu umbigo, crescendo e crescendo até o céu, o que era o presságio de que ensinaria não apenas aos seres humanos, mas também aos devas e aos brahmas.



23. Terceiro sonho

Incontáveis seres, de cabelos negros e vestidos de branco, o saudavam e adoravam, indicando que incontáveis leigos seriam seus discípulos.



24. Quarto sonho

Viu pássaros de quatro cores aproximarem-se das quatro direções e, ao pousarem em seu colo, se tornarem brancos. Isto indicava que as pessoas das quatro castas (Brâmane – classe sacerdotal, Khattiya – classe guerreira, Vessa – comerciantes e Sudda – castas inferiores) seriam seus discípulos, se tornariam monges e monjas e se libertariam do ciclo da vida e da morte. Se libertariam das amarras das castas e das divisões sectárias.



25. Quinto sonho

Viu-se caminhando sobre uma terra coberta de excremento, o qual não conseguia tocá-lo. Isso indicava que, mesmo vivendo em um mundo saturado de impurezas, ele permanecia puro. O Buda permaneceria desapegado das impurezas mundanas, mantendo-se sempre puro.



26. O alimento de Sujata

A afortunada Sujata tinha imensa fé na divindade de uma imensa figueira da Índia no bosque de Uruvela. Todos os anos, na lua cheia de Vesaka, Sujata ia venerar a divindade da árvore. Ela acreditava que o nascimento do seu filho se deveria às bênçãos dessa divindade. Agora, seu filho crescera e se casara. Contudo, não demonstrava interesse algum pela vida mundana. Ela desejava que a divindade da árvore o ajudasse. Por isso, naquele ano, preparou-se para adorar a divindade da árvore. Enviou sua criada à árvore para limpar o local e assim poder oferecer, à divindade, o delicioso khir (sobremesa de leite) que preparara. Quando a criada chegou à árvore e viu Sidarta, pensou que a divindade tivesse adotado aquela aparência para receber as oferendas de sua patroa.

Desse modo, foi informar sua ama. Sujata foi até o local, agradavelmente surpresa. Mas entendeu com clareza. Logo, deu-se conta não se tratar da divindade da árvore, mas de um asceta que viera àquele lugar de pureza para praticar meditação. E em sua mente, surgiu afeto. Ofereceu-lhe o khir que trouxera para a divindade da árvore e o abençoou dizendo “Que sua meditação seja frutífera”.

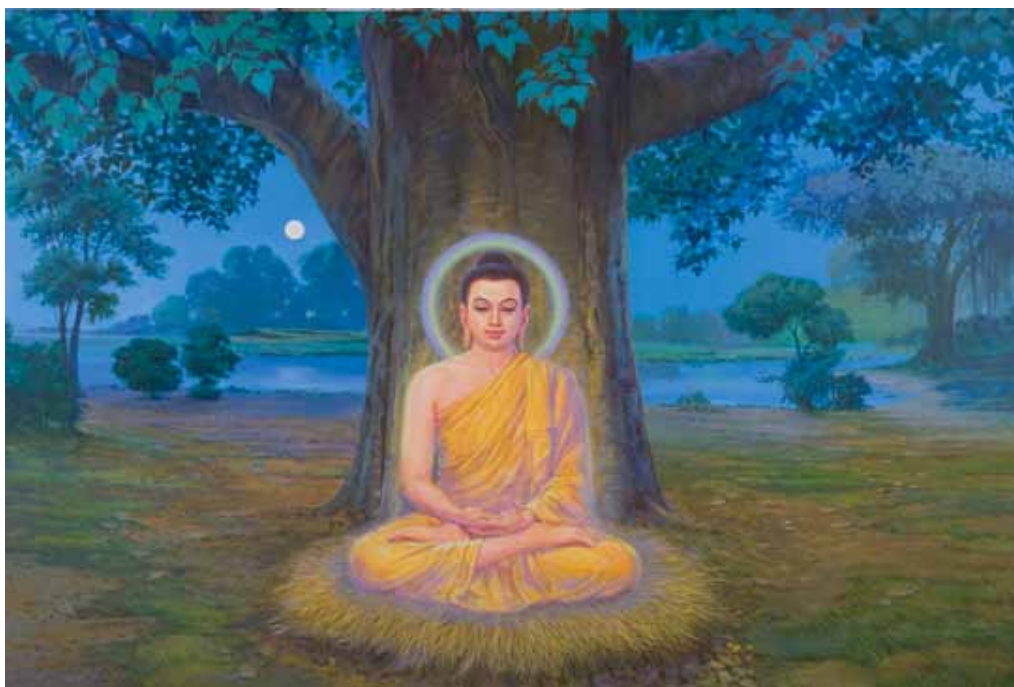
A oferenda do khir de Sujata é considerada de suma importância, pois essa foi a última refeição do Boddhisatta. Depois dessa refeição, alcançou a iluminação. Foi o alimento que o sustentou fisicamente até alcançar a iluminação.



27. A derrota de Māra

Do plano mais inferior do reino dos infernos até o mais elevado pertencente à esfera imaterial dos brahmas, todo o espectro pertence ao campo do maléfico Māra. Absolutamente tudo está no campo do rei da Morte. Qualquer um que nasça nesses planos está destinado a morrer mais cedo ou mais tarde. Sempre que um eremita meditar com a crença de que um desses planos superiores seja eterno, esse maligno governante se sente feliz. No entanto, quando uma pessoa medita para ir mais além do mundo do impermanente, para obter o estado imutável, permanente, eterno, então Māra, o malvado, se inquieta. Não quer que ninguém escape do seu reino.

É por isso que, quando viu o Boddhisatta sentado debaixo da árvore *Bodhi* em meditação com esse objetivo em mente, Māra acudiu com seu vasto exército com a intenção de interromper a meditação do Boddhisatta. Tentou de muitas maneiras perturbar o Boddhisatta. Porém, o Boddhisatta permaneceu imperturbável. Māra foi derrotado e acabou partindo.



28. A perfeita iluminação

Agora, a atmosfera se acalmara. A luz fresca da lua cheia da noite de Vesaka iluminava o local. O Boddhisatta estava absorto em meditação. Estava em plena busca daquilo que existe mais além do campo da mente e da matéria. Aquilo que é constante e imutável, onde não há nascimento e não há morte. Como experimentar esse estado? Que enfoque deveria adotar? Em sua busca constante, experimentou as sensações corporais. Vipassana surgiu. Observando essas sensações com equanimidade, alcançou o estado que estava buscando. Esta foi a completa iluminação do Boddhisatta. Desenvolvendo as suas pāramīs por vários *aeons* teve sucesso obtendo aquilo que andara buscando. O Boddhisatta transformou-se no Perfeitamente Iluminado (Samma Sambuda). Todas as suas impurezas de desejo, de aversão e de ignorância foram destruídas. Portanto, passou a ser chamado Bhagavān, ou seja, aquele que destruiu o desejo, a aversão e a ignorância.



29. Os inúteis esforços das filhas de Māra

O Samma Sambuda, o Completamente Iluminado, permaneceu sentado debaixo da árvore Boddhi, usufruindo a paz da imortalidade.

Ao ver a infelicidade de Māra ao ser derrotado, suas três filhas lhe garantiram que seriam capazes de vencer o Buda. Tentaram distraí-lo de diversas maneiras, mostrando seus corpos. O Completamente Iluminado permanecia impávido. Finalmente, elas também aceitaram a derrota e voltaram com seu pai.



30. Tapussa e Bhallika

O Completamente Iluminado permaneceu durante sete semanas nas proximidades da árvore Boddhi, usufruindo a paz nirvânica dentro de si. Isso resultou em boa fortuna para a Birmânia. Naqueles dias, dois mercadores birmaneses, Tapussa e Bhallika, passavam por lá em uma viagem de negócios. Ao verem o Buda, prestaram reverência diante dele com imensa fé e lhe ofereceram bolinhos birmaneses de mel e arroz que traziam consigo. Essa foi a primeira refeição do Samma Sambuda, sete semanas depois que Sujata lhe oferecera o *khir*.

Tapussa e Bhallika foram muito afortunados. O Buda lhes deu os cinco preceitos e, atendendo ao seu pedido, também lhes deu oito fios do seu cabelo, arrancados da cabeça. Voltaram ao seu país com os fios de cabelo. Lá o rei e os súditos, com grande devoção, os colocaram na colina de Shwedagon e, por cima, construíram uma estupa.

Foi uma grande sorte para a Birmânia.



31.O Sambuda agradecido

Por gratidão, o Buda quis oferecer a joia inestimável de Vipassana aos mestres Alāra Kālāma e Uddaka Rāmaputta, seus dois primeiros professores, com os quais aprendera o sétimo e o oitavo jhāna. Porém, com seu olho divino, deu-se conta de que ambos tinham falecido, tendo renascido no plano de Arūpa-Brahma, a esfera imaterial dos bhramas. Não se pode ensinar Dhamma nesse plano, pois para poder aprender Vipassana é importante que exista tanto mente quanto matéria. No plano Arūpa-Brahma não existe corpo. Somente existe a mente e os conteúdos mentais. De modo que, nesse caso, não se pode praticar Vipassana.

“Então, a quem posso ensinar esta técnica maravilhosa? “.

O Buda se sentia em débito para com aqueles cinco astrólogos que passaram seis anos em sua companhia e que o haviam servido. Depois, devido a uma crença falsa, o haviam abandonado.

“Eles me serviram tanto. Assim, por que não lhes oferecer esta joia inestimável? “Refletindo a respeito, deu-se conta de que estavam vivendo no parque dos Cervos, em Isīpattana, Migadāya. Portanto começou a caminhar naquela direção.

No caminho encontrou-se com Upaka, um asceta despido que ficou maravilhado ao ver o extraordinário resplendor do rosto do Buda. Mais feliz ainda ficou ao saber que aquela pessoa era um Jina (um vencedor), era o Completamente Iluminado.

Ele perguntou: “Orientado por quem você conseguiu se libertar? “

O Buda respondeu: “Eu não tenho mestre”.

Aquele que obtém a libertação por seu próprio esforço e sabedoria e redescobre o Dhamma, é conhecido como Samma Sambuda. Não tem mestre. Upaka não conseguiu entender e partiu. Deixou o caminho correto e tomou o equivocado. No entanto, muitos anos mais tarde, tomou refúgio no Buda, aprendeu Vipassana e, progredindo no caminho, alcançou a libertação.



32. Girando a roda do Dhamma

O Buda foi a Migadāya, atual Sarnath, para pregar o Dhamma aos seus cinco companheiros. Inicialmente, seus amigos pensaram - “O príncipe asceta deixou de lado sua busca espiritual. O que teremos a aprender dele?”

No entanto, à medida que o Buda se aproximava, vendo o brilho extraordinário no seu rosto, pensaram que, na verdade, tinha obtido a Iluminação Completa. Então, o Buda lhes pregou Dhamma. Era um agradável entardecer da lua cheia do mês de Ashadha.

Este girar, pela primeira vez, a roda do Dhamma, é conhecido como “Dhammacakkhappavattana”. O Buda explicou como havia praticado o Caminho do Meio, protegendo-se a si próprio ao evitar ambos os extremos. Somente com isso o caminho da libertação tornou-se claro. Surgiu o Nobre Caminho Óctuplo, que consiste em sīla (moralidade), samādhi (concentração) e pañña (sabedoria). Qualquer pessoa pode se libertar do ciclo da vida e da morte recorrendo ao Nobre Caminho Óctuplo. Praticando este mesmo caminho, os cinco companheiros do Buda se converteram em arahants, se libertaram.



33. Yasa e seu pai

Estava amanhecendo. O Buda estava dando seu passeio quando estas palavras - “Ó dor, ó sofrimento” chegaram de fora do parque dos Cervos, em Isīpattana. Por intermédio dos seus poderes meditativos, reconheceu tratar-se de Yasa, o filho de Sujata, a qual lhe havia oferecido arroz com leite antes de alcançar a iluminação completa. O Buda o chamou e ensinou-lhe a técnica de Vipassana, por meio da qual livrou-se da sua dor e do seu sofrimento, obtendo felicidade. Passou a ser uma pessoa que ingressou na corrente (sotapana).

Na mesma época, o pai de Yasa, que havia saído à sua procura, chegou ao parque dos Cervos. O Buda também o instruiu. Ele também, tendo experimentado o surgir e o desaparecer, passou a ser alguém que adentrou a corrente. Enquanto o Buda instruía ao seu pai, Yasa continuava com a sua prática e, ouvindo aquelas instruções, tornou-se um arahant, uma pessoa liberta.



34. Convite para comer na casa de seu pai

O pai de Yasa convidou o Buda seu Sangha, inclusive Yasa, para comer em sua casa. Lá o Buda ensinou a maravilhosa técnica de Vipassana à mãe de Yasa e à sua antiga esposa. Elas também se converteram em pessoas que adentraram a corrente. Depois dos cinco companheiros brâmanes, Yasa foi a primeira pessoa a tornar-se um arahant e seus pais e sua ex-esposa estavam entre os primeiros leigos a ingressar na corrente.

Yasa tinha 54 amigos comerciantes. Tendo visto a transformação de Yasa, eles também se aproximaram e tomaram refúgio no Buda e, praticando Vipassana, se tornaram arahants. Se libertaram da dor e do sofrimento.



35. Mensageiros do Dhamma! Saiam e disseminem o Dhamma!

Naqueles dias, além do Buda, havia sessenta arahants. O Buda os encorajou a caminhar para disseminar o Dhamma. Ele lhes ensinou Dhamma, e não Dhamma budista. De forma que os enviou para que ensinassem Dhamma e não Dhamma budista. O Dhamma universal que inclui sīla (moralidade), samādhi (concentração) e pañña (sabedoria), que é benéfico no início, benéfico no meio e benéfico ao final. Deu-lhes instruções sobre como ensinar Dhamma às pessoas, sendo eles mesmos um brilhante exemplo de Dhamma. Esta mensagem de Dhamma foi enviada pelo Buda para benefício de muitos. A expansão de Dhamma se estabeleceu sobre bases iniciais puras.



36.A cobra furiosa na cabana de Uruvela.

Depois de enviar os sessenta arahants mensageiros de Dhamma em diversas direções para pregar em benefício e pela felicidade de muitos, o próprio Buda, com o mesmo propósito, retirou-se para a floresta de Uruvela. Lá vivia Uruvela Kassapa, o asceta de cabelo emaranhado, à beira do rio Neranjara, juntamente com seus quinhentos discípulos de cabelo emaranhado, que, habitualmente, realizavam oferendas ao fogo. O Buda encontrou Uruvela Kassapa e lhe pediu permissão para permanecer em seu ashram durante um tempo. Uruvela Kassapa não queria que um asceta ficasse ali. Com a finalidade de dissuadi-lo, disse não haver outro lugar disponível além de uma cabana próxima. Porém, avisou que na cabana havia uma cobra mortalmente venenosa. O Buda disse: “Não tenho medo, ficarei ali”. Quando o Buda entrou na cabana e se sentou para meditar, a cobra apareceu enfurecida, emitindo silvados ameaçadores. O Buda se acalmou praticando Vipassana, mantendo a equanimidade e gerando *metta*, ou seja, amor bondoso. A cobra se acalmou. Quando as pessoas chegaram pela manhã, ficaram assombradas ao ver o Buda meditando com toda serenidade, com a cobra deitada à sua frente, em uma espécie de transe, derrubada pela sua *metta*.



37. O falso Arahant

Depois do episódio da cobra e, apesar das reiteradas demonstrações da milagrosa força do Dhamma em quatorze outras ocasiões, Uruvela Kassapa ainda se encontrava sob a influência do falso ego e continuava a acreditar “Eu sou um arahant, mas este asceta não é”.

O Buda explicou-lhe quem é um verdadeiro arahant. Estabelecido em sīla (moralidade), um homem sábio pratica samādhi e pañña e somente por intermédio de meditação ardente e do discernimento é que se pode destruir por completo o desejo, a aversão e a ignorância. Assim, uma pessoa se torna um arahant. Tendo compreendido corretamente cada passo da técnica e tendo praticado Vipassana, Uruvela Kassapa obteve a completa libertação dos nós internos e se tornou um arahant. E, em seguida, seguindo o seu exemplo, seus quinhentos seguidores, também praticando Vipassana, se tornaram arahants e se libertaram. Começaram a achar incômodas as cabeleiras emaranhadas, de modo que as cortaram ou as mandaram cortar, deixando que fossem levadas pela correnteza do rio Neranjara. Tornaram-se devotos seguidores do Mahāsamaṇa Buda, o grande asceta Buda.



38. Converteram-se em verdadeiros arahants.

Às margens do rio Neranjara, mais abaixo do ashram de Uruvela Kassapa, vivia seu irmão mais moço Nadi Kassapa junto com seus trezentos discípulos e, ainda mais abaixo, vivia seu segundo irmão Gaya Kassapa com seus duzentos discípulos. Todos eles praticavam as oferendas ao fogo. Acreditavam ser arahants. Viram tufo e mechas de cabelo flutuando pelo rio Neranjara. Ao investigar, souberam que seu irmão mais velho e seus quinhentos seguidores tinham se tornado discípulos do Buda. Os outros dois irmãos, juntamente com seus seguidores, também aceitaram o ensinamento de Vipassana por parte do Buda. Estabeleceram-se em sīla, samādhi e paññā e se tornaram verdadeiros arahants, isto é, se libertaram de fato. Eles também raspavam as cabeças e as barbas e se tornaram fervorosos seguidores do Buda.



39. De volta a Magadha

Como Boddhisatta, ou seja, o futuro Buda, Sidarta havia prometido a Bimbisara, rei de Magadha, uma visita a Rajgir junto com seu Sangha de monges.

O rei Bimbisara veio com seus ministros e muitos de seus distintos súditos dar as boas-vindas ao Buda e prestar-lhe respeito.

Ao ver o Buda e Uruvela Kassapa passarem juntos, os seguidores de Uruvela Kassapa em Rajgir ficaram atônitos – Terá o Samaṇa Gótama se tornado seguidor de Uruvela Kassapa, ou, ao contrário, terá Uruvela Kassapa raspado a cabeça e se tornado seguidor do Samaṇa Gótama?

Kassapa esclareceu dizendo “Tornei-me seguidor do Buda. Seguindo os seus ensinamentos, estabeleci-me na moralidade, na concentração e na sabedoria e obtive a total libertação do desejo e da aversão. Desse modo, tanto eu quanto meus irmãos e todos os nossos seguidores nos convertemos em verdadeiros sthitaprajña, ou seja, estamos totalmente estabelecidos na sabedoria. Somos todos seguidores do Buda.



40. Sāriputta e Mogallāna

Upatissa e Kolita eram amigos de infância. Mais tarde, tornaram-se famosos como Sariputta e Mogallana.

Um dia, na cidade de Rajgir, Upatissa viu o arahant Assaji pedindo esmola, mantendo o olhar voltado para baixo, com movimentos comedidos e porte pacífico e um brilho radiante em seu rosto.

Sāriputta o seguiu e lhe perguntou: “Senhor, tenho a sensação de que alcançou o que precisa ser alcançado. Por favor, mostre-me que meditação tem praticado que o levou a alcançar esse estado. “

O monge Assaji lhe disse que o próprio Buda estava em Rajgir naquele momento e que seria bom encontrá-lo e aprender essa meditação diretamente dele. Mesmo assim, quando insistiu, Assaji lhe transmitiu a essência. Ao ouvi-lo, devido ao imenso acúmulo de méritos de suas existências passadas, Vipassana surgiu nele, e adentrou a corrente. Em seguida, foram falar com os 250 seguidores do mestre Sanjaya e, juntos, foram procurar o Buda. No entanto, o mestre Sanjaya não demonstrou interesse em ir.

Praticando Vipassana como ensinada pelo Buda, Sāriputta, Mogallāna e seus 250 amigos erradicaram os seus carmas passados e deixaram de criar novo carma, tornando-se arahants, pessoas libertas.



41. Múltiplas críticas

Quando os três irmãos Kassapa de Uruvela, junto com seus mil ascetas de cabelos emaranhados, se tornaram seguidores do Buda, os seguidores dos irmãos Kassapa de Anga sentiram-se profundamente magoados. Sāriputta e Mogallāna também se tornaram seguidores do Buda. Juntamente com eles, outros 250 abandonaram seu mestre e se tornaram seguidores do Buda. Devido a isso, algumas pessoas de Rajgiri ficaram incomodadas. Quando os monges saiam para esmolar, essas pessoas os criticavam e os insultavam. “O asceta Gótama veio tornar as mulheres mães sem filhos e transformar as casadas em viúvas. Veio aqui destruir as famílias”. Os monges informaram o Buda sobre essas críticas. O Buda recomendou que permanecessem calmos.

Se permanecermos inalterados diante de situações adversas e mantivermos a calma, nesse caso, o fruto será sempre doce.

Todos os discípulos do Buda tornaram-se peritos em permanecer serenos graças à Vipassana.



42. Crítica e elogio

Certa vez, o Buda viajava com um sangha de 500 monges de Rajgir para Nalanda. Suppiya Paribbajaka e seu discípulo Brahmmadatta Manavaka caminhavam atrás dos monges.

Durante toda a viagem, Suppiya esteve criticando o Buda de várias maneiras. Apesar de ser discípulo de Suppiya, Brahmmadatta o esteve elogiando de diversas maneiras.

À medida que a tarde avançava, antes de alcançar Nalanda, pararam para pernoitar em um albergue de uma cidade chamada Ambalatthika. Até mesmo durante a noite os monges podiam ouvir o debate entre os dois, um criticando o Buda e o outro elogiando o Buda. Os monges não intervieram.

Na primeira hora da manhã, os monges relataram ao Buda a respeito do debate entre mestre-discípulo e como eles não participaram da discussão, mantendo a sua equanimidade.

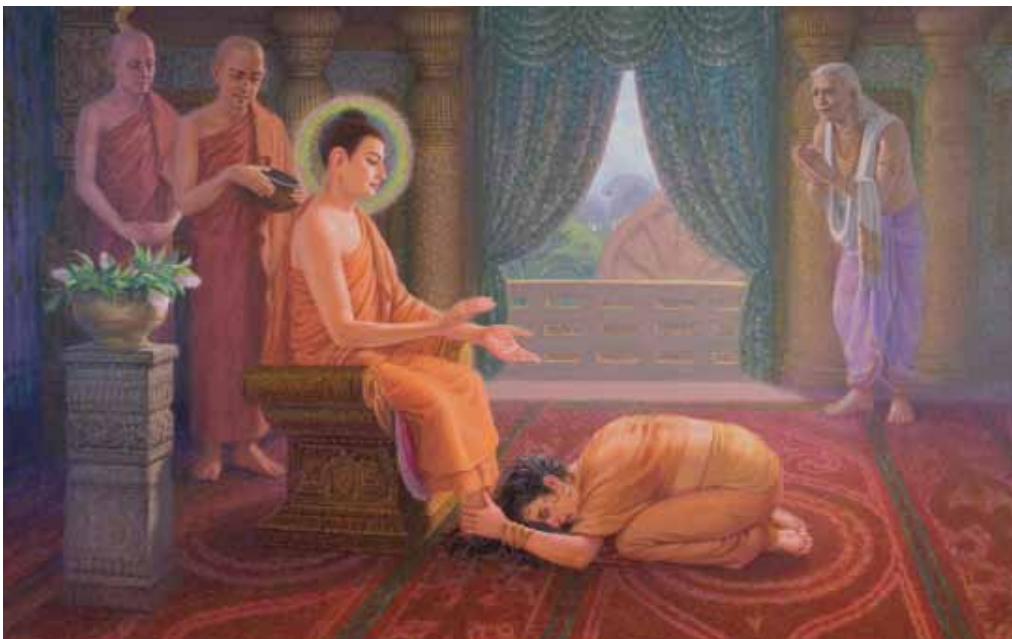
O Buda disse: “Foi apropriado da sua parte manter-se à margem da discussão. Teriam se prejudicado a si próprios. Teriam gerado um condicionamento danoso de envaidecimento. Dhamma consiste em manter a equanimidade com sabedoria em todas as situações. Ao longo da vida, nos defrontamos com oito coisas: crítica e elogio, sucesso e fracasso, vitória e derrota, ganho e perda. Mas aquele cuja mente não vacila, que zela pelo seu próprio bem-estar com equanimidade e repleto de sabedoria, esse é o melhor bem-estar para essa pessoa.



43. Chegada a Kapilavastu

Quando o rei Suddhodana ouviu que seu filho, o príncipe asceta, tinha se tornado um Buda e colocado em movimento da roda do Dhamma, o convidou para vir a Kapilavastu. O Buda, junto com seu sangha, chegou a Kapilavastu. No início da manhã do dia depois da sua chegada, a fim de dar às pessoas a oportunidade de adquirir méritos, o Buda, e seu sangha, saíram para fazer a ronda das esmolas de casa em casa. Quando seu pai Suddhodanna ouviu isso, ficou angustiado e apressou-se em trazer o Buda e os monges acompanhantes ao palácio. Muito respeitosamente, ofereceu comida a todos eles. Todos os membros da casa real vieram prestar respeito ao Buda. Somente Yashodhara não veio. Enviou uma mensagem dizendo que, se ela tivesse alguma boa qualidade, que o nobre príncipe iria vê-la e, então, ela prestaria homenagem ao Buda. Ela sabia muito bem que ele havia deixado a vida familiar para poder tornar-se Completamente Iluminado. Era por isso que não guardava nem um traço de rancor para com ele. Nunca se queixou e nunca se mostrou nervosa depois dele ter partido e deixado para trás a vida de chefe de família.

Bendita seja Yashodhara!



44. Yashodhara

O Buda não ignorava as virtudes de Yashodhara. Sendo assim, foi aos seus aposentos. O rei Suddhodana, Sariputta e Mogallana o acompanharam. O Buda disse aos seus principais discípulos que não interferissem com Yashodhara, independentemente de como ela rendesse homenagem ao Buda. Yashodhara aproximou-se, sentou-se diante do Buda e apresentou seus respeitos, tocando os seus pés.

Então o rei Suddhodana descreveu resumidamente as virtudes de Yashodhara:

“Quando você renunciou à vida de chefe de família, muitos príncipes reais quiseram se casar com esta jovem. Mas minha filha nem alçou os olhos para mirá-los

Quando soube que, como asceta, você tinha raspado a cabeça, ela também raspou a dela e se vestiu com roupa cor ocre.

Quando ouviu que somente fazia uma refeição ao dia, ela também se limitou a uma refeição ao dia. Tal como você, ela também deixou de dormir em camas altas e luxuosas, abandonando todos os enfeites, os perfumes e as decorações do corpo, e se absteve dos prazeres da dança, da música e de todo tipo de entretenimento”.

Isso estava destinado a ocorrer. Há incontáveis aeons, quando Sidarta Gótama era o asceta Sumedha, recebeu de um Buda, o Buda Dipankara, as bênçãos de que ele se tornaria um Buda chamado Gótama e que ela seria sua esposa nessa vida e que, quando Gótama se tornasse Samma Sambuddha, aceitaria os seus ensinamentos e se libertaria. Foi isso o que aconteceu. A abençoada Yashodhara, fiel seguidora do seu marido.



45. Rahula

Yashodhara, a mãe de Rahula, tinha falado a Rahula de seu pai, o Buda. Ao ver aquele que fora seu marido retornar à capital com sua grande missão cumprida, sua mente ficou repleta de alegria. Com essa mente de felicidade, apresentou seu filho Rahula ao seu pai, o qual ainda não tinha visto. Para descrever sua cor e forma, finalmente assim disse:

Sīlasamādhīpatitthitacitto- sua mente está bem estabelecida em sīla (moralidade) e em samādhī (concentração).

Sāvakamajjhagato samanido - anda cercado pelos seus discípulos

Lokahitāya gato naravīro - o mais valente entre os homens, que renunciou à vida do lar em benefício da humanidade.

Esa hi tuhya pitā narasīho -Este seu pai é como um leão entre os homens.

Estes versos de sinceras expressões de sua mãe, tão profundamente estabelecida no Dhamma, são considerados entre os melhores da literatura páli.



46.O ordenação de Rahula.

Apresentando Rahula a seu pai e familiarizando os dois, Yashodhara, sua afetuosa mãe, disse ao filho Rahula - “Vá, junte-se ao seu pai e peça a sua herança”. Ela sabia muito bem que o Buda nada tinha para dar de herança, além do puro Dhamma. A própria Yashodhara desejava tornar-se monja e poder, desse modo, se beneficiar ao seguir os passos do Buda. No entanto, ainda não se havia estabelecido um sangha de monjas. Foi por isso que Yashodhara animava seu filho a se beneficiar da ordenação. Quando Rahula aproximou-se do Buda, disse: “Ó asceta, sua sombra é refrescante e agradável”.

O pai deu ao seu filho, como herança, o presente do inestimável tesouro do Dhamma. Rahula foi ordenado. Quando cresceu, aprendeu Vipassana e, praticando, tornou-se um arahant, libertou-se.

A herança de Rahula foi mesmo benéfica!



47.O sétimo a deixar a vida do lar

Depois de pregar o Dhamma, quando o Buda começava a sair de Kapilavastu, o príncipe Aniruddha, o príncipe Bhaddiya, o príncipe Ananda, o príncipe Bhagu, o príncipe Kimila e o príncipe Devadatta e Upāli o barbeiro, foram todos eles ordenados pelo Buda. Com a exceção de Devadatta, todos os demais foram beneficiados. Compreenderam muito bem que o Buda não dá a libertação, ele apenas mostra o caminho. Trilharam o caminho mostrado por ele e obtiveram benefícios. Devadatta não aprendeu Vipassana, aprendeu somente os jhānas (absorções meditativas). Seu objetivo não era obter a libertação, mas obter poderes sobrenaturais, sentindo-se, desse modo, satisfeito.



48. Anāthapiṇḍaka

Quando Anāthapiṇḍaka, um rico comerciante de Sāvatti (Shravasti), veio a Rajgir visitar os seus sogros, entrou em contato com o Buda. Ofereceu uma refeição ao Buda e ao Sangha e, em seguida, pediu ao Buda que passasse a próxima temporada de chuvas em Sāvatti. Quando o Buda aceitou, ele retornou a Shravasti e começou a procurar um local apropriado. Encontrou o parque de recreação do príncipe Jeta, que parecia ideal para esse fim. No entanto, como pagamento por aquele terreno, precisou revesti-lo por completo com moedas de ouro. Que preço se poderia cotar para um lugar onde o Buda ensinaria Dhamma!

Bendito seja Anāthapiṇḍaka, que construiu um mosteiro, oferecendo-o ao Sangha, onde o Buda passaria muitas estações de chuvas para o benefício de muitos! Não fez essa doação visando nem fama nem lucro. A fez para o benefício de muitos. Portanto, essa doação é considerada incomparável.



49. Sunita, o supremo brâmane.

Certa manhã, o Buda estava fazendo a ronda das esmolas em Rajgir, a capital de Magadha. Um varredor de nome Sunita estava varrendo a rua. Ao ver o Buda se aproximar, deslocou-se pensando “que a sombra de um intocável como eu não caia sobre ele”. Mas o Buda era contrário a esse deplorável sistema de castas. Dirigindo-se a Sunita, o Buda lhe disse: “Venha!” Sunita ficou emocionado.

O Buda o admitiu ao Sangha e lhe ensinou a técnica de Vipassana. Meditando seriamente, ele se libertou, tornando-se desse modo o Brâmane Supremo em todos os sentidos do termo.

Uma pessoa não se torna um brâmane por nascimento, mas é graças às próprias ações que nos convertemos em um brâmane.



50. Sopaka

Sopaka nasceu na casa do vigia de um cemitério. Quando tinha quatro meses, ficou órfão de pai. Foi criado por seu tio (irmão do pai) que o considerava um fardo. Um dia, o tio se aborreceu com ele e o levou ao crematório, amarrando-o a um cadáver.

Os pedidos desesperados de piedade da criança não comoviam o tio. Mas o Buda, ao ver esse acontecimento, cheio de compaixão enviou alguns monges para libertar Sopaka e trazê-lo ao mosteiro.

O Buda aceitou Sopaka no sangha e o ordenou. Mais tarde, tornou-se um arahant pela prática de Vipassana.

A mãe de Sopaka veio ao mosteiro em busca do filho e, tendo ouvido o Buda, também começou a praticar Vipassana e adentrou a corrente.

Dhamma não faz distinção entre pessoas de diferentes castas ou clãs. Qualquer um que pratique Dhamma é digno de veneração.

Sopaka tornou-se digno de veneração.



51.A escrava Khujjuttara

Khujjuttara era escrava da rainha Samavati de Kosambi. Todos os dias, trazia flores para a Rainha e, inflacionando o preço, guardava para si parte do dinheiro.

Um dia, quando na cidade, ouviu um sermão do Buda. Enquanto escutava o sermão, sentiu dentro de si o surgir, o desaparecer e o cessar. Por intermédio da prática de Vipassana converteu-se em uma pessoa que adentrara a corrente.

A partir de então, passou a trazer as flores pela totalidade da soma dada. Confessou à Rainha que tinha estado se apropriando de parte do dinheiro.

Khujjuttara continuou a ouvir os discursos do Buda e a repeti-los para a Rainha. Ao ouvir os discursos, regularmente, por meio de Khujjuttara, a Rainha converteu-se em uma fiel seguidora.

Khujjuttara chegou a ser uma das principais discípulas do Buda e recebeu o título de a “mais importante” entre as discípulas eruditas leigas.



52. Sākya e Koliya

Os Sākya e os Koliya não eram apenas clãs que compartilhavam casamentos mas eram, também, vizinhos. Viviam em ambas as margens do rio Rohini. Uma vez, a monção não trouxe chuva suficiente. O nível da água no rio estava muito baixo. Não era possível regar os campos de ambas as margens do rio. Os agricultores dos dois lados começaram a insistir que somente eles usariam a água disponível para poder regar os seus próprios campos. A disputa cresceu, da troca de insultos até a violência física. Os proprietários de ambas as terras, Sākya e Koliya, vieram armados de espadas, de arcos e de flechas, prontos para a batalha. Quando o Buda tomou conhecimento, veio até o local para evitar o derramamento de sangue. Pregou Dhamma – sangue humano é mais valioso do que água. Os guerreiros de ambos os lados abaixaram as cabeças envergonhados. A batalha foi desmanchada. Não houve derramamento de sangue.



53. Estabelecendo o sangha das monjas.

Maha Pajapati Gotami era a irmã mais moça de Mahamaya e a segunda mulher do rei Suddhodana.

Quando Mahamaya faleceu, após dar a luz a Sidarta, Maha Pajapati Gotami o amamentou e criou. Naturalmente, desenvolveu forte apego emocional por Sidarta. Quando Sidarta tornou-se um Samma Sambuda e voltou a Kapilavastu, Maha Pajapati desejava ardentemente tornar-se monja. Mas naquele tempo, ainda não se estabelecera a ordem de monjas. Por isso, não pôde realizar seu desejo.

Depois da morte do rei Suddhodana, vestiu hábitos de cor ocre, raspou a cabeça e, juntamente com Yashodhara e outras 500 mulheres do clã Sakya, foi até o Buda e lhe suplicou que estabelecesse o sangha das monjas. O Buda aceitou.

Durante o resto de sua vida, ensinou Vipassana a um incontável número de mulheres que sofriam, libertando-as do seu sofrimento.

Ela compreendeu, com clareza, que a forma correta de venerar o Buda é meditando.



54. Saccaka

Frequentemente, na maioria das comunidades, existem indivíduos polêmicos que se sentem orgulhosos de seus conhecimentos intelectuais. No tempo do Buda, um desses indivíduos era o famoso Saccaka. Nenhum erudito conseguia vencê-lo em qualquer discussão. Ele se orgulhava muito disso e se gabava de que se até o próprio Buda viesse debater com ele, também o derrotaria. Um dia, foi encontrar-se com o Buda acompanhado por 500 notáveis Licchavis, a fim de mostrar-lhes como iria derrotar o Buda. No entanto, enquanto falava com o Buda, verificou que estava sem argumentos. Não tinha respostas para as perguntas do Buda. Sentiu-se abatido. Ficou sentado, cabisbaixo, com os ombros caídos e a vista turva devido à derrota. Como é possível que alguém argumente contra a verdade?



55. A vaidade de Khema

Bimbisara adentrou a corrente, praticando os ensinamentos do Buda. Mesmo assim, encorajou e enviou seus familiares para aprenderem com o Buda. Todos seguiram o seu conselho. No entanto, a extremamente bela rainha Khema não desejava encontrar-se com o Buda. Ouvira dizer que ele não dava valor à beleza, e isso a desagradou.

Certa vez, Bimbisara pediu que ela fosse ao Bosque dos Bambus para conhecer a encantadora atmosfera. Ela foi e, por acaso, encontrou o Buda. Khemma viu uma formosa jovem ao seu lado, abanando-o com um leque. Em muito pouco tempo, viu a moça envelhecer cada vez mais, ficando enrugada, deforme. Em pouco tempo estava esquelética, começou a se encurvar...dobrou-se em duas...caiu...estava morta.

Khema percebeu – Ó, essa é a transformação inevitável de um corpo belo. Dhamma surgiu em sua mente com um forte impulso. O Buda, com compaixão, lhe disse algumas palavras. Ao ouvir aquelas palavras imortais, Vipassana surgiu nela. A sabedoria surgiu. Experimentou nibbana e adentrou a corrente. Khema foi abençoada.

Khema ingressou no Sangha, tornou-se uma arahant e passou a servir à humanidade.



56.Proibição de milagres

Certa vez, um comerciante de Rajgir amarrou uma valiosa tigela de sândalo à ponta de um bambu muito comprido e anunciou que quem voasse pelos ares e apanhasse a tigela poderia ficar com ela.

Quem poderia fazer isso? Na mente de Piṇḍola Bāhradwaj, seguidor do Buda, surgiu a ideia de que, caso ele pudesse fazê-lo, redundaria em prestígio para o Buda. Assim sendo, voou pelos ares e apanhou a tigela. As pessoas o elogiaram. Ele dirigiu-se ao mosteiro do Buda. O povo o seguiu, entoando palavras de louvor. Ao chegar diante do Buda e relatar o ocorrido, o Buda recriminou Piṇḍola Bāhradwaj dizendo: “Quebre essa tigela de sândalo”. E, a seguir, acrescentou tratar-se de algo impróprio, contrário ao decoro dos monges, por se tratar de algo desnecessário. Por um mísero pedaço de madeira, que ideia é essa de realizar milagres em público?

Os leigos consideram as pessoas capazes de demonstrar feitos sobrenaturais e mágicos como deuses e passam a adorá-los. Não respeitam o Dhamma, mas adoram os poderes sobrenaturais. É assim que Dhamma vai aos poucos se degradando, os poderes sobrenaturais tornando-se cada vez mais importantes. Assim sendo, devido ao perigo que antecipava, proibiu que os professores de Dhamma demonstrassem poderes sobrenaturais, no presente e no futuro. Alguém inescrupuloso poderia enganar os outros e fazer uso indevido de sua devoção. Esse alguém poderia crescer em popularidade, desenvolver ego e assim provocar sua própria queda.



57. A monja Sisupacala

O venerável Sariputta era conhecido como o Comandante do Dhamma do Ensino do Buda.

Seus três irmãos, Revata, Upasena e Cunda, também tinham se ordenado monges do Sangha do Buda. Todos tinham se tornado arahants em pouco tempo. Inspiradas por eles, suas três irmãs também se ordenaram monjas. Elas três, Cala, Upacala e Sisupacala também se tornaram arahants.

Mara (o Malvado) envidou inúteis esforços para dificultar a meditação de ambas as irmãs mais velhas. Portanto, foi atrás da terceira, Sisupacala. Sisupacala o repreendeu dizendo “Malvado Mara! Estou completamente liberta das amarras da luxúria. Praticando os benevolentes ensinamentos do Buda, erradiquei a impureza da paixão. Agora a luxúria não pode surgir em minha mente.

Mara foi derrotado e, sentindo-se abatido, partiu.



58. Cinca Manavika

À medida que os ensinamentos do Buda começaram a se difundir, e as pessoas começaram a se beneficiar da Vipassana, que dá resultados aqui e agora, cada vez mais gente passou a segui-lo. Sua fama e sua popularidade se expandiram de norte a sul. Desfrutava de grande prestígio e honra. Como resultado desse prestígio e dessa honra, tanto isso quanto os lucros e favores obtidos por diversos sectários que os obtinham com base na fé cega e nas falsas crenças dos que comungavam dessa fé e dessas crenças, foi se debilitando. Roxos de inveja, ferviam de ódio. Por isso, armaram um plano perverso. Uma infeliz de nome Cinca Manavika aceitou tomar parte. Visitaria o mosteiro de Jetavana em horário inapropriado e, quando indagada, deveria alegar ter passado a noite com o asceta Gótama em seu quarto. Aos poucos, os boatos se espalharam. Cerca de 8 ou 9 meses mais tarde, Cinca fez um teatro. Amarrando sobre a barriga um pedaço de madeira semicircular, cobriu-a com a roupa e, quando o Buda pregava diante de uma multidão, apareceu aos gritos insultando e acusando. “Ei, cabeça raspada, se nada tem para seu futuro filho, peça a seus seguidores ricos, eles podem resolver”. O Buda permaneceu inteiramente sereno diante dessas falsas acusações. Ele ensinava que se deveria permanecer equânime e sereno a todo momento. Como o Buda ficou impávido diante dessas acusações tão graves, ela ficou nervosa e começou a tremer. As cordas amarradas na sua barriga se soltaram e o pedaço de madeira tombou aos seus pés. As pessoas a repreenderam, condenando-a. Tanto seu presente quanto seu futuro estavam arruinados. Que mal poderia acontecer a um Buda! Era um ser completamente iluminado! Era um arahant!



59. Sundari Paribbajika

O Dhamma ensinado pelo Buda, baseado na moralidade, na concentração e na sabedoria, difundiu-se rapidamente por oferecer resultados imediatos e, por isso, o número de seguidores aumentou muito depressa. Isto perturbou a mente dos sectários que se opunham a ele. Insistiram em uma ideia. Para tanto, treinaram uma jovem asceta de nome Sundari. Enviaram-na ao mosteiro justo nas horas em que os seguidores do Buda a poderiam ver entrar e sair. Não queriam que a jovem cometesse o mesmo erro de se vestir e se maquiar como Cinca. Portanto contrataram uns capangas para matá-la quando estivesse a sós. Atiraram o corpo sem vida no fundo de um poço nos arredores de Jetavana. Era um plano infalível. No dia seguinte ao assassinato, lançaram o boato de que Sundari havia sido vista entrando e saindo do mosteiro de Jetavana. Os opositores se juntaram às buscas e fingiram encontrar por acaso o corpo. Retiraram o cadáver de Jetavana gritando “vejam as negras ações dos discípulos do asceta Gótama. Primeiramente, aproveitaram-se dela e depois de matá-la a atiraram no poço”.

Desfilaram com o corpo pela cidade toda, acusando os monges do Buda de serem uns sem-vergonhas mentirosos, imorais e malvados. O Buda os aconselhou: “mantenham-se fortes, permaneçam calmos e suportem os insultos. A falsidade não durará muito tempo”. Não deveriam se aborrecer quando as pessoas os acusavam e não deveriam desenvolver aversão. A mentira dos opositores não tardaria a vir à tona. E foi o que ocorreu em sete dias. A verdade foi revelada pelos assassinos contratados. Os opositores ficaram envergonhados. A força interior, a paciência e a equanimidade resultaram frutíferas.



60. O casal ideal

Nakulamata e Nakulapita nasceram em famílias de comerciantes e levavam uma vida feliz de casados. Tinham um filho chamado Nakula. Por isso eram conhecidos por esses nomes. Nakulapita dizia: “Durante toda a minha vida, nunca tive um só pensamento sobre outra mulher que não fosse Nakulamata.” Do mesmo modo, Nakulamata também dizia que durante toda a sua vida nunca tinha dado lugar em sua mente a qualquer outro homem. Assim, era ideal a vida que levavam. Mais tarde, tendo entrado em contato com o Buda, com a ajuda da benéfica meditação Vipassana, erradicaram a impureza da paixão. Certa vez, Nakulapita estava muito doente e foi ver o Buda. O Buda lhe disse: “O seu corpo pode estar enfermo, mas a sua mente deve permanecer saudável”. Nakulapita respondeu que assim era. O Buda lhe disse que ele era muito afortunado. Foi nessa ocasião que o Buda deu um bom conselho a respeito da vida ideal de casados. O Buda deu a Nakulapita e Nakulamata o título de *agra* por serem muito avançados na prática de sila.



61.O príncipe Bodhi

O príncipe Bodhi de Kosambi era fervoroso seguidor do Buda. Construiu um novo palácio e para a cerimônia de inauguração convidou o Buda e o Sangha para uma refeição. O Buda chegou na hora marcada. O príncipe Bodhi aguardava na entrada para receber o Buda. Assim que o Buda chegou, apresentou-lhe seus respeitos e o convidou a caminhar no tapete branco que fora estendido para que chegasse até o palácio. O Buda parou. Explicou que, se um professor de Dhamma desse importância a tamanha ostentação e honrarias, nesse caso, como poderia explicar Dhamma? Seus seguidores também começariam a dar importância às honrarias e ao respeito prestado pelos outros, e se esqueceriam de Dhamma. Para tanto, o Buda estabeleceu uma regra segundo a qual os professores de Dhamma presentes e das gerações futuras nunca deveriam ensinar Dhamma com a intenção de obter reconhecimento, ganhos, respeito ou honrarias.



62. El Brahmán Magandiya

O brâmane Magandiya vivia na cidade de Kammasadamma, no estado de Kuru. Sua filha Magandiya era extremamente formosa. O brâmane tinha decidido dá-la em casamento a um homem apropriado e de boa aparência. Ao ver o Buda, ficou impressionado com seu aspecto. Mandou chamar sua mulher, pedindo que viesse com a filha. Então, pediu ao Buda que aceitasse sua filha em casamento. Quando insistiu mais de uma vez, o Buda lhe disse: “Ó brâmane! Estou liberto de chefe de família. Estou liberto da paixão, liberto do desejo. Como poderia casar-me com a sua filha?”

O brâmane continuou a insistir, então o Buda disse - “Brâmane, sou um arahant, um Samma-Sambuda. Quando me iluminei, as formosas filhas celestiais de Mara vieram e tentaram me seduzir. Nem um único traço de paixão surgiu em mim para com aquelas deusas divinas extremamente sedutoras. Magandiya é apenas um corpo humano repleto de urina e de excrementos. Não a tocaria nem com o meu pé. Estou liberto de qualquer paixão! “.

Magandiya tinha muito orgulho de sua beleza e sentiu como se o Buda tivesse cuspidido nela. Tempos depois, casou-se com Udena, o rei de Kosambi. Apesar disso, cultivou um profundo rancor para com o Buda.



63. Uma enxurrada de insultos

Quando o Buda chegou a Kosambi, a convite dos comerciantes da cidade, Magandiya não ficou muito feliz. Ainda alimentava animosidade com relação ao Buda por ter insultado a sua beleza. Contratou uns arruaceiros da cidade para que o insultassem. Instruiu-os para vaiar e insultar o Buda e seus seguidores da seguinte maneira: “És um ladrão. És um idiota. És um tonto ignorante. És um camelo. És um touro castrado. És um burro. Vives no inferno. És um animal. Não terás um bom renascimento. Irás para o inferno”. O Buda tinha ensinado Vipassana aos seus seguidores e, também, os ensinara a manter a equanimidade nas situações adversas. Permaneceu inalterado diante desses insultos. Apesar disso, Magandiya aborreceu-se cada vez mais, o que a levou à sua própria destruição.



64. Os pecados não se lavam com um banho no rio.

Sundarika Bharadvaja perguntou ao Buda, “Ó, Gótama, virá comigo tomar banho no rio Bahuka?”

O Buda respondeu: “Brâmane, o que ganharei ao me banhar no rio Bahuka? O que fará o rio Bahuka? Se forem cometidos pecados, o rio não poderá lavá-los. Cada um há de carregar os frutos do seu próprio karma. Em vez de banhar-se no rio, praticando Vipassana banhe-se no Ganges do Dhamma interior e purifique a sua mente.

Outro episódio: Punna era serviçal do comerciante Anathapindika e também devota seguidora do Buda. Na época do frio intenso, precisava ir ao rio buscar água. Um dia viu um brâmane entrar na água fria. Quando Punna o questionou, respondeu que isso lavaria os seus pecados. Então, a serviçal Punna repreendeu o brâmane dizendo: “esse é o conselho de uma pessoa ignorante para outra pessoa ignorante. Se, ao banhar-se no rio nos libertássemos dos pecados, nesse caso, as rãs e as tartarugas, as cobras e os crocodilos e outras criaturas da água iriam com certeza todas para o céu”. Ao ouvir isso, o brâmane caiu em si e estabeleceu-se no caminho correto. Entrou em contato com o Buda e com o Dhamma. Começou a praticar Dhamma e obteve bem-estar.



65. A maneira correta de honrar o Buda

Quando Sidarta Gótama tornou-se Samma Sambuda, todos os membros da sua família imediata ficaram maravilhados. Todos se beneficiaram. Porém, os parentes se opuseram. Um deles era Tissa, o primo de Sidarta. Ao atingir a maioridade, deu-se conta de que havia um grande número de pessoas seguindo o caminho do Buda. “Por que não recorro a esse caminho e também investigo?”. Ordenou-se monge, mas o seu ego permaneceu intacto. O Buda explicou-lhe e o colocou para meditar Vipassana. Quando o Buda estava em Vesali (Vaishali) com seu Sangha, anunciou que obteria o paranibbana dentro de quatro meses. Os monges ficaram tristes ao ouvir isso. aqueles que estavam menos avançados sentaram-se ao lado do Buda e começaram a chorar. Outros lhe ofereceram guirlandas de flores perfumadas, como era a tradição. Mas Tissa pensou que o Buda estava a ponto de obter o paranibbana, “preciso tornar-me um arahant, enquanto ele ainda estiver vivo”. Com esse pensamento, começou a praticar Vipassana sozinho. O Buda expressou a sua aprovação explicando aos monges ser esta a maneira apropriada de mostrar devoção por ele e não oferecendo flores e perfumes. “Continuar a avançar em Dhamma passo a passo é a maneira correta de honrar-me”.



66.O fazendeiro Bharadhaja

Tal qual hoje em dia, naquele tempo, quando as pessoas viam um jovem forte e saudável pedindo esmola, troçavam dele porque não trabalhava duro para garantir o seu sustento.

Um incidente semelhante ocorreu durante a vida do Buda.

O brâmane Kasi Bharadvaja era um rico fazendeiro. O Buda aproximou-se de suas terras, quando fazia a ronda para esmolar. Do mesmo modo, Kasi Bharadvaja o repreendeu, dizendo-lhe que tratasse de trabalhar.

O Buda disse – “Eu também sou um fazendeiro. Eu também lavro e planto e, tendo lavrado e semeado, como.”

Ao ser questionado pelo curioso brâmane, disse que seu campo era a sua meditação e a sua forma de vida restrita. O fruto de ser um arajant era a colheita do seu campo.

O brâmane era sábio. Não tardou a compreender as palavras do Buda. Tornou-se seu seguidor e começou a prática Vipassana. Com o tempo, tornou-se um arahant.



67. Vernaja

O brâmane Veranja, chefe da aldeia brâmane de Veranja, era um firme opositor do Buda. Aconteceu que, certa vez, se encontrou com o Buda e ouviu seu discurso sobre o Dhamma. Ficou muito impressionado e expressou o desejo de convidar o Buda a passar a próxima estação das chuvas (Vassavasa) na aldeia brâmane. O Buda aceitou o convite. O Buda chegou cedo a Veranja, junto com o Sangha de monges. No entanto, nesse meio tempo, o brâmane de Veranja tinha se esquecido do convite feito ao Buda e ao Sangha para passar as chuvas na aldeia de Veranja. E tampouco tinha comentado com os brâmanes da aldeia que todas as suas dúvidas a respeito do Buda e dos seus ensinamentos tinham sido esclarecidas. O resultado foi que os habitantes de Veranja continuavam a alimentar dúvidas. Pode ter sido esse o motivo pelo qual nem o Buda nem os monges receberam esmolas durante a estação das chuvas. De acordo com as regras do Vinaya, a estação das chuvas deve ser passada em um único lugar, não sendo permitido deixar Veranja para ir a outro local. Aconteceu que chegaram a Veranja uns comerciantes com quinhentos cavalos. Tinham cereal de baixa qualidade, suficiente para alimentar os cavalos, embora não fosse considerado adequado para consumo humano. Os comerciantes doaram esse cereal aos monges. Os monges moeram o cereal e o deixaram ali.

Ananda também moeu o cereal com um socador, o molhou e ofereceu ao Buda. O Buda o comeu. Quando o Buda soube do ocorrido, expressou sua aprovação ao Sangha de monges.

De acordo com a norma de se despedir da pessoa que os convidou, o Buda, junto com o Sangha de monges, foram à casa do brâmane Veranja. Ao reconhecê-lo, Veranja imediatamente deu-se conta do seu erro. Convidou-os a comer no dia seguinte. O Buda aceitou. Veranja serviu uma ótima comida. Os monges comeram essa comida com o mesmo desapego com que tinham comido o cereal destinado aos cavalos. O Buda estava satisfeito.



68. Patacara

Patacara era filha de um comerciante muito rico de Savatthi. Influenciada por más companhias, foi para o mal caminho. Ainda mocinha, fugiu com um jovem servo da família levando consigo tudo quanto podia levar.

Montaram casa em uma aldeia remota. As riquezas roubadas ao fugir duraram pouco, dando lugar à pobreza. Durante essa época, deu luz a duas crianças uma atrás da outra. Quando viajava de regresso ao lar paterno, os dois filhos e o marido morreram no caminho.

Devido a essas perdas, chegou a Savatthi muito perturbada. Ao entrar na cidade, viu que queimavam uns cadáveres no crematório. Alguém a informou serem os corpos de seu pai, mãe e irmão, esmagados quando sua casa desmoronou.

Agora não tinha ninguém no mundo! Perdeu por completo o equilíbrio da sua mente e começou a vagar pelas ruas inteiramente nua.

Por sorte, entrou em contato com o Buda. Ao ouvir as suas palavras tranquilizadoras, recuperou os sentidos. Alguém a cobriu com um xale. A partir de então ficou conhecida como Patacara, “alguém que usa um xale”.

Fez-se monja e tornou-se uma arahant. Passou o resto dos seus dias ensinando Vipassana e libertando mulheres infelizes do seu sofrimento.



69. Kisa Gotami

O filho único desta jovem morreu. Arrasada pela dor, foi ver o Buda com o corpo da criança morta, suplicando-lhe: “Oh, senhor, por favor, traga-o de volta à vida”.

O Buda sabia que ela não estava preparada para ouvir conselho algum. Portanto, mandou que buscasse umas sementes de mostarda de qualquer casa na cidade. E acrescentou: “Traga sementes somente de uma casa onde ninguém da família tenha morrido”. Ela percorreu a cidade inteira, até ficar exausta.

Mas mesmo assim, não encontrou uma única casa onde jamais tivesse morrido alguém. Entendeu que ninguém pode escapar da morte, e voltou a ter com o Buda.

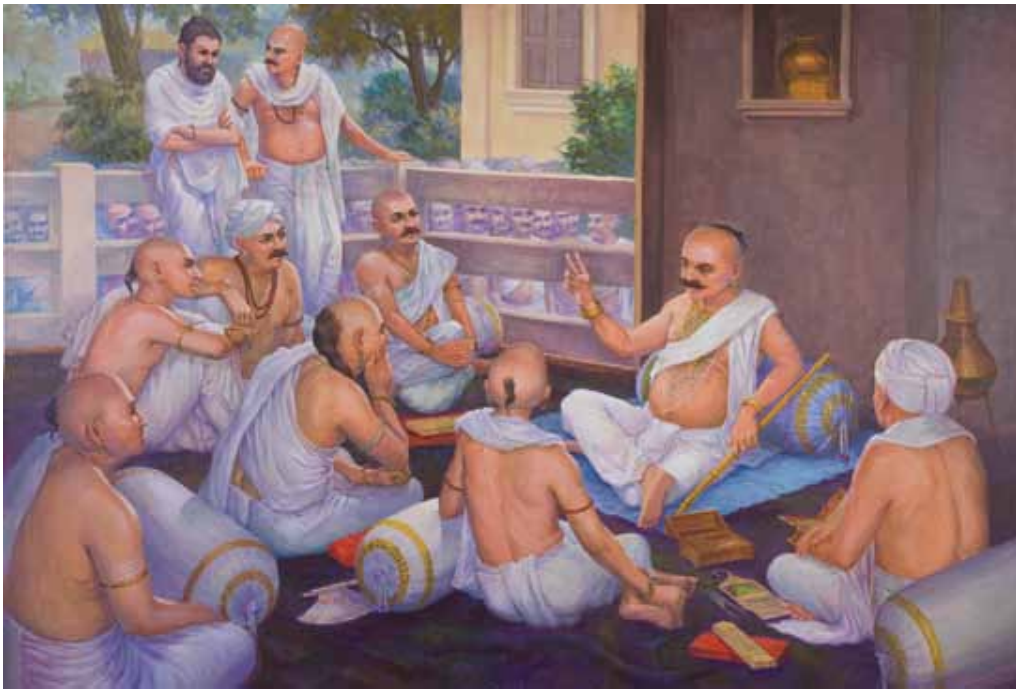
Por intermédio da prática de Vipassana, ela se libertou. Ensinou Vipassana a muitas mulheres que sofriam, ajudando-as a se libertarem de todo o sofrimento.



70. O sacrifício correto

Kutadanta tinha organizado um grande sacrifício em Khanumat. Aconteceu que o senhor Buda chegou ao local naquele momento. Ao se encontrar com o Buda, Kutadanta perguntou-lhe sobre a pureza dos sacrifícios feitos antigamente. Pela resposta do Buda, entendeu que sacrificar animais era contrário ao Dhamma. Em especial, sacrificar vacas. Desse modo, libertou os numerosos animais que havia juntado para o sacrifício e, com grande amor, disse que a partir de então se alimentariam dos verdes pastos e beberiam água fresca. Tendo feito isso, tomou refúgio no Buda como leigo.

Encarregou-se do nobre sacrifício de Vipassana, que abrange Sila, Samadhi e Pañña. O brâmane Kutadanta foi abençoado.



71. Sonadanda: O Dhamma é o que o converte em brâmane

Certa vez, o Buda residia em Champa, em Anga. Naquela época, Sonadanda, o líder dos brâmanes locais, veio encontrar-se com o Buda, juntamente com seus amigos e membros da tribo. Durante a discussão, o Buda lhe perguntou: “Se alguém não for sábio ou não tiver moral, diria que é um Brâmane?” Ao que Sonadanda respondeu que alguém sem moralidade nem sabedoria não pode ser chamado de brâmane. O Buda disse que, certamente, a moralidade purifica a sabedoria e a sabedoria purifica a moralidade. Onde houver sabedoria, haverá moralidade.

Sonadanda ficou impressionado com o Buda, tornando-se seu discípulo. Então, para poder continuar a manter seu status social, disse ao Buda: “Quando juntar minhas mãos, considere isso amavelmente como uma mostra de respeito. Quando remover o turbante, considere isso, amavelmente, como uma inclinação da cabeça. Ao me sentar em meu veículo e levantar o chicote, considere isso, amavelmente, como se descesse do carro e, se me sentar no carro e levantar minhas mãos, considere isso, amavelmente, como se inclinasse minha cabeça diante do senhor. “

Sonadanda se tornou um discípulo do Buda, mas não havia praticado Vipassana. É por isso que continuou apegado a seu status de líder dos brâmanes locais.



72. Brâmane Mahasala

Durante a época do Buda, havia um brâmane extremamente rico chamado Mahasala. Quando seus quatro filhos se casaram, repartiu entre eles a metade de suas riquezas e, junto com sua esposa, foram viver sozinhos. Depois de alguns anos, quando sua esposa tinha falecido, voltou a viver com seus filhos. Durante algum tempo, o trataram bem. Depois, começaram a pressioná-lo a distribuir o resto de suas riquezas entre eles. Ao se darem conta de que já não tinha mais riquezas, começaram a considerá-lo como um fardo. Despacharam-no. Tornou-se um vagabundo. Vivia pedindo comida de casa em casa.

Um dia, foi até o senhor Buda, no mosteiro de Jetavana. O Buda o reconheceu e lhe perguntou qual a causa de sua condição de indigente. O brâmane relatou sua história desafortunada. O Buda, compassivamente, lhe deu uma solução, por intermédio da qual seus filhos voltaram a cuidar dele.



73. Alavaka

Alavaka era forte e indomável. Estava muito orgulhoso de sua força.

Certa vez, o Buda se aproximou de seu local de retiro e lá se sentou. Quando Alavaka chegou, ficou enfurecido ao ver um estranho ali sentado. Fervendo de raiva, Alavaka gritou – “Samana, fora daqui! “

O Buda saiu, dizendo – “Está bem, amigo”

Em seguida, Alavaka disse novamente – “Samana, entre! “

O Buda respondeu – “Está certo, amigo”, entrando na casa.

Alavaka repetiu estas instruções uma segunda vez e, logo, uma terceira vez. O Buda obedeceu suas ordens com a mente calma e comedida.

Na quarta vez, Alavaka ordenou ao Buda – “Samana, saia daqui! “ Então, o Buda respondeu com firmeza – “Desta vez, não sairei. Pode fazer o que quiser. “

Vendo a firme resolução da mente do Buda, Alavaka se preocupou pensando “Talvez este homem tenha elevados poderes sobrenaturais! “

Para colocar o Buda à prova, Alavaka disse – “Eu lhe farei algumas perguntas. Se não puder respondê-las, então, o deixarei inconsciente. Eu lhe abrirei o peito. E agarrando-o pelos pés, o lançarei ao outro lado do Ganges”

O Buda disse – “Não vejo ninguém neste mundo capaz de me deixar inconsciente ou que possa me abrir o peito ou que possa me agarrar pelos pés e me lançar ao outro lado do Ganges. Ainda assim, pode me perguntar o que quiser”

Alavaka lhe fez certas perguntas relacionadas ao Dhamma, às quais o Buda respondeu satisfatoriamente. Ao escutar suas respostas, Alavaka compreendeu que aquela não era uma pessoa comum.

Inspirado pelas respostas do Buda, declarou o seguinte: “Rendendo homenagem ao Samma Sambuda e à perfeição de seu Dhamma, percorrerei povoados e cidades”

Estava destinado a acontecer. Aquele que prova do néctar do autêntico Dhamma, de forma natural, inspira os outros, convidando-os – “Venha e prove! “

Ehi passiko! Ehi passiko!



74. O Buda habita na eterna felicidade

Aquel que se ha convertido en arahant no se ve afectado ni por el frío ni por el calor. Permanece feliz en cualquier situación. El Buddha era alguien que siempre habitaba en la felicidad.

Era uma fria noite de inverno. Rajadas de vento frio sopravam entra as árvores a partir de todas as direções. Muitas folhas tinham caído sobre o solo desnudo. O Buda se sentou, após ter dormido nessa noite diretamente sobre o chão. Vestia apenas seu hábito.

O príncipe Alavaka, que andava a passeio naquela fria manhã, se surpreendeu ao ver o Buda sentado com aquele frio e lhe perguntou – “Venerável senhor, dormiu bem? “

O Buda respondeu – “Sim, dormi bem. Sempre durmo bem, independentemente das circunstâncias”



76. Os dois potes de barro

Um jovem se aproximou do Buda. Estava muito angustiado. Disse-lhe – “Senhor, ontem meu pai morreu. Por favor, faça algum ritual para que possa se libertar. “

O Buda disse – “Os rituais de nada servem”

Porém, o homem estava muito agitado. O Buda sabia que, em função de seu estado, nenhum tipo de argumentação racional surtiria efeito. Assim, disse-lhe – “De acordo. Vá e traga dois potes de barro”

Muito feliz, o homem os trouxe.

“Agora, preencha um dos potes com manteiga e o outro com pedras, seixos e britas. Em seguida, coloque-os dentro daquele tanque. “

Ele assim o fez, segundo ordenado, e os dois potes desceram até o fundo.

Então, o Buda disse – “Agora, traga-me um bastão grosso e golpeie os potes até que se quebrem e se abram”

Ao fazer isso, a manteiga saiu, subindo até a superfície, onde permaneceu flutuando e as pedras saíram e se instalaram no fundo.

Então, o Buda lhe perguntou – “É possível realizar algum ritual, capaz de fazer a manteiga descer até o fundo e os seixos subir até a superfície? “

O homem estava confuso – “Ó, senhor! Isto é impossível. Vai contra a lei da natureza! “

O Buda disse – “Ah. Isto é exatamente o que queria lhe explicar. Se seu pai praticou ações pesadas como pedras e como seixos, estará destinado a descer ao fundo. Se praticou ações leves como a manteiga, estará destinado a subir. Quer dizer, o fruto obtido depende de nossas ações. Nenhum rito ou ritual pode quebrar esta lei universal da natureza”



76. Angulimala

O cruel assassino de Kosala, Angulimala, perambulava matando gente e colecionando seus dedos para confeccionar um colar que exibia, convertendo-se no terror dos habitantes da zona. Na mente do Buda surgiu compaixão por este assassino. O Buda se aproximou dele, com o fito de dobrar seus instintos demoníacos. Fez uso de alguns poderes sobrenaturais. O Buda caminhava com passos normais. Angulimala, com a espada em punho, corria a toda velocidade atrás dele. Porém, não era capaz de alcançá-lo. Depois de um bom tempo correndo, já esgotado, parou e gritou – “Pare, ó samana!” A isso o Buda respondeu calmamente – “Ó Angulimala, estou quieto. Pare você também. Continua rodando na samsara porque não para de matar seres. “Angulimala, o assassino, tinha a força de um enorme acúmulo de paramis de vidas passadas. Ao escutar aquelas palavras sábias e tranquilizantes, sua cólera cessou. Seu ego se dissolveu e ele caiu em si. Jogou suas armas em um poço próximo e pediu refúgio no Buda. O Buda lhe ensinou Dhamma e se tornou sotapana.

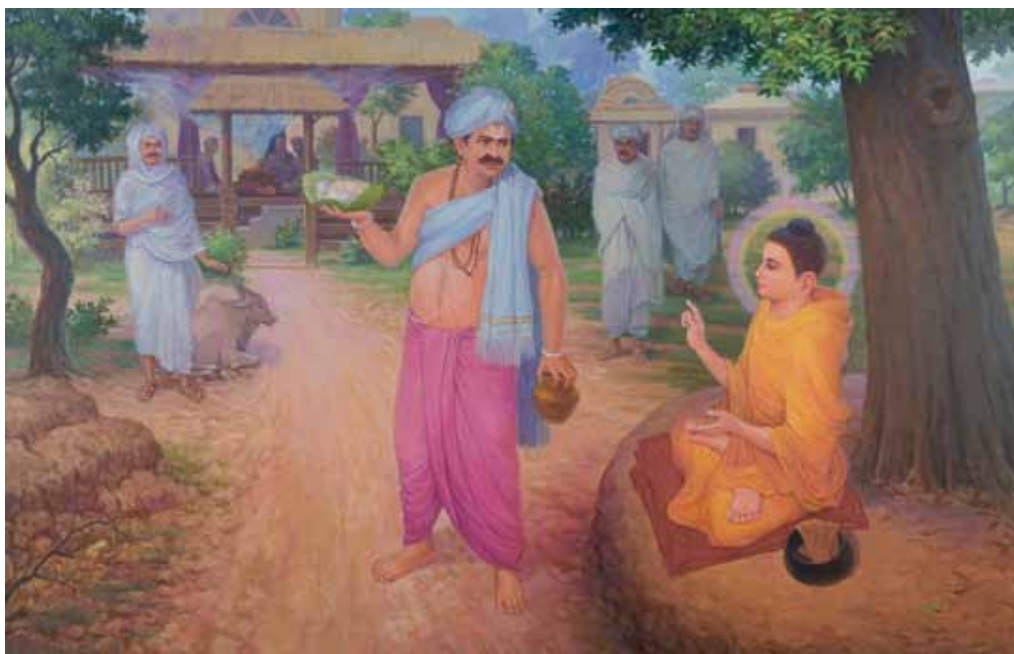
Certa vez, ao ir fazer sua ronda de esmolar em uma cidade próxima, viu uma mulher com dores terríveis, durante um parto com complicações. Tanto a vida do menino, quanto a vida da mulher estavam em perigo. Angulimala transbordava compaixão. Voltou e informou ao Buda sobre a cena lamentável que havia presenciado. O Buda lhe deu instruções para regressar ao local e fazer uma declaração veraz. “Desde que nasci, nunca matei intencionalmente qualquer ser vivo. Com a força desta declaração veraz, que fique em paz, que seu filho esteja em paz. “

Angulimala ficou surpreso ao escutar isso – “Ó, senhor, com a quantidade de seres que já matei!”

O Buda explicou – “Agora, é um sotapana. Você se converteu em um nobre. Nesta nova nobre vida,

não matou ser algum. “

Angulimala foi e fez esta proclamação veraz. A mulher deu à luz sem qualquer outra complicação. Bendita seja a proclamação veraz deste sotapana.



77. Sundarika Bharadwaj

Sundarika bharadwaj tinha organizado um sacrifício. Saiu do recinto do sacrifício para distribuir oferendas. Em sua frente, a pouca distância, estava o Buda sentado debaixo de uma árvore. Como era inverno, havia coberto seu rosto com o hábito. Aproximou-se do Buda. Ao escutar seus passos, o Buda descobriu a cabeça. E, então, ele gritou – “Ó, é um samana de cabeça raspada. “ Deu meia volta disposto a ir embora, quando, repentinamente, passou por sua mente o pensamento de que naquela época, muitos brâmanes entravam em contato com o Buda e acabavam raspando a cabeça. Quem sabe ele fosse um desses brâmanes. Voltou e perguntou-lhe a que casta pertencia. O Buda disse – “*Ma jati puccha, charananca puccha*. Sem casta. Melhor pergunta sobre o comportamento moral. Não se pode averiguar o comportamento a partir da casta. “

Sundarika caiu em si. Das palavras do Buda, entendeu que ele estava livre de todo desejo. Impressionado com as palavras do Buda, ordenou-se, alcançando o estado da liberação total, mediante a prática de Vipassana. Foi abençoado.



78. Punna, mensageiro do Dhamma

O mercador Punna, de Sunaparanta (atualmente Nata Sopara), juntamente com seu irmão mais moço, foi a Savatthi. Ali entrou em contato com o Buda. O Dhamma ensinado pelo Buda o influenciou enormemente e obteve muitos benefícios. Desenvolveu um desejo nobre de ensinar o puro Dhamma à gente de sua terra que estava envolvida em rituais, filosofias inúteis e crenças cegas. Sendo assim, decidiu voltar ao lar, confiando os negócios a seu irmão mais moço.

Aproximou-se do Buda, buscando sua benção. O Buda quis colocá-lo à prova.

O Buda disse – “O povo de Sunaparanta é selvagem, sem qualquer civilização. Pode ser que o insultem, que o golpeiem, pode ser que o apedrejem ou o golpeiem com pedaços de pau ou que o ataquem com armas”.

Punna respondeu – “Penso que o povo de Sunaparanta é bondoso, pois caso contrário teriam me matado”.

“E se o ameaçarem matar, o que fará?”

“Pensarei que são muito bons. Muita gente se farta da existência como ser humano e acaba se suicidando. Ao me matarem, aliviam-me de ter de cometer suicídio”

O Buda disse – “Bem, Punna! No serviço ao Dhamma, temos de ser tolerantes e cheios de amor benevolente. Agora, regresse à sua terra natal e ensine Dhamma. “

Foi Punna que trouxe Dhamma puro para a região de Mumbai, ao norte de Maharsathra e ao sul de Gujarat.



79. Pukkusati, o rei de Gandhara

Pukkusati, o rei de Gandhara, era amigo de Bimbisara, rei de Magadha. Porém, nunca tinham se conhecido pessoalmente. Quando Pukkusati recebeu a mensagem de Bimbisara de que o Buda se encontrava na região de Magadha, graças ao acúmulo de paramis de vidas passadas, o desapego surgiu em sua mente. Renunciou ao reino e, vestindo o hábito de recluso, foi encontrar-se com o Buda. Ao chegar aos portões da cidade de Rajgir, anoitecia e o portão estava fechado. Do lado de fora, havia a pensão de um oleiro que dava refúgio aos viajantes. Pukkusati ali se alojou. Por acaso, o Buda também chegou tarde, ao anoitecer, alojando-se na mesma pensão. Durante a noite, falaram sobre Dhamma. Ao escutar o Buda e ao praticar o que lhe ensinou, nesta mesma noite, Pukkusati se converteu naquele que não retorna (anagami). Queria juntar-se à sangha. Pela manhã, a caminho de tomar os hábitos para se ordenar, dirigiu-se à cidade, mas faleceu em um acidente.

Bimbisara não pôde se encontrar com seu amigo. Mesmo assim, a amizade de Bimbisara foi frutífera e seu amigo Pukkusati foi abençoado.



O violento Bharadvaja

Bharadvaja era um homem de temperamento forte. Ao ver que cada vez mais gente se tornava seguidora do Buda, enfureceu-se.

Fervendo de raiva, procurou o Buda no bosque de Bambus. Quando entrou no bosque, tremia de ira. Começou a lançar insultos contra o Buda.

Mas, apesar de ter sido insultado de tal maneira, o Buda permaneceu tranquilo e sereno. Tal qual aconselhava aos demais, também praticava a equanimidade e o amor benevolente.

Bharadvaja sentiu-se atraído pela calma do Buda. Aprendeu Vipassana do Buda e se libertou totalmente de sua raiva.



81. A forma correta de honrar o Buda

Durante sua vida, Mahapajapati Gotami ajudou uma grande quantidade de mulheres, ensinando-lhes Vipassana para que se libertassem de todo sofrimento.

Quando foi apresentar seus respeitos ao Buda, Mahapajapati realmente entendeu sua indicação de que a meditação é a melhor maneira de honrar o Buda.



82. A intocável Prakruti

Depois de ter viajado uma grande distância, o Venerável Ananda chegou a um povoado. Era verão e sua garganta estava seca de sede. Naquele povoado, havia uma jovem retirando água do poço. O Venerável Ananda se aproximou e lhe pediu um pouco de água para beber.

Ela hesitou, perguntando-lhe “Como um homem de casta elevada pode beber água oferecida por uma menina de casta inferior?” Disse-lhe isto – “Ó, recluso! Sou uma menina de berço inferior. Como poderia eu oferecer-lhe água para beber?” Ananda lhe deu uma resposta Dhâmmica – “Irmã, perguntei-lhe se poderia beber água. Não lhe perguntei sua casta.”



83. A proposta de casamento de Prakruti

O monge Ananda saciou sua sede e continuou seu caminho. Prakruti, a intocável, permaneceu olhando Ananda com o coração palpitando. De repente, um pensamento cruzou sua mente – “Tendo em vista que este jovem não hesitou em beber água oferecida por uma intocável, com toda certeza, aceitará minha mão em casamento.” Aproximando-se dele, expressou seu desejo. Ananda respondeu – “Sou um monge celibatário. Não posso me casar. Não é por discriminação de casta que rejeito sua proposta de casamento. Deveria procurar o Buda compassivo. Ele dá refúgio a todos os humanos. Ele não discrimina em função de casta e de nascimento. Você também deveria tomar refúgio nele. “

Prakruti tomou refúgio no Buda com alegria e aprendeu Vipassana.

Prakruti foi verdadeiramente afortunada.



84. A assombrosa tolerância daquele que está estabelecido na sabedoria

Um *Sthitaprajña*, um arahant que está estabelecido na sabedoria, sempre é tolerante. Não gera raiva sequer nas mais desagradáveis situações. Esta era, pois, a natureza de Sariputta, o Comandante do Dhamma.

Certa vez, alguém lhe deu um forte golpe na cabeça, mas ele não se incomodou de maneira alguma. Não gerou qualquer vestígio de cólera.

Outra vez, a fim de colocá-lo à prova, um brâmane oponente se aproximou dele por detrás e o golpeou com toda força de seu punho. Ele continuou caminhando pacificamente. O oponente ficou convencido de que Sariputta estava realmente livre de qualquer cólera e era, portanto, merecedor de honras e de reverências.

Sendo assim, suplicou seu perdão e Sariputta perdoou. Então, o brâmane lhe perguntou se aceitaria comer em sua casa. As pessoas que tinham presenciado o ataque ficaram perplexas diante da tolerância de Sariputta e de sua natureza de perdoar.

Em vez de gerar raiva, Sariputta aceitou cordialmente seu convite para comer.

Este é um ato nobre de um arahant que está estabelecido na sabedoria, mediante a prática de Vipassana.



85. Livre de cólera

Quando Brahmadatta, filho do rei de Kosala, escutou o discurso do Buda, desenvolveu fé no Dhamma e se juntou ao sangha.

No prazo de alguns poucos dias, tornou-se arahant mediante a prática de Vipassana.

Certa vez, quando se encontrava fazendo sua ronda de esmolar, alguém o insultou, usando linguagem abusiva, mas ele permaneceu calado, em silêncio.

Como pode haver cólera em um arahant que pratica Vipassana!

Aquele que gera raiva contra uma pessoa colérica gera dano a si próprio.

Alguém que não gera raiva contra uma pessoa colérica e permanece calmo, ajuda a si próprio e também aos demais.

A pessoa que insultou Brahmadatta ficou impressionada pela sua calma e tomou refúgio no Buda. Ordenou-se monge, aprendeu Vipassana e se libertou de suas impurezas.

Também se libertou da raiva, do sofrimento.



86. Bendito seja Brahmayu!

Os sábios dizem que para julgar apropriadamente uma pessoa, devemos estar junto desta pessoa durante um grande período de tempo, dia e noite. O brâmane Brahmayu queria conhecer a verdade sobre o Buda. Então, encarregou de tal tarefa seu discípulo Uttara Manavaka, que partiu e conviveu com o Buda por seis meses.

Não só viu que o Buda tinha as 32 marcas corporais de um grande homem, mas também pôde comprovar que o comportamento do Buda, seus movimentos, suas atividades, seus hábitos alimentares, etc. eram muito disciplinados.

Brahmayu tinha 120 anos. Não podia viajar para passar tempo com o Buda. Mas, afortunadamente, o próprio Buda foi até ele. Depois de escutar o Buda, Brahmayu ficou muito alegre. Era um homem de méritos abundantes. Vipassana surgiu nele, tendo experimentado o estado imutável, permanente, imortal. Continuou com a prática de Vipassana e alcançou o estado de *anāgami*, ou seja, aquele que não retorna depois de morrer. Alcançou autêntico bem-estar.



87. Monge Daruciriya – Ao ver, unicamente ver

Nala-sopara é uma pequena cidade perto de Mumbai. Há dois mil anos, era famoso porto da Índia chamado Supparaka Pattana. Um monge muito ancião vivia ali. Portava adornos feitos de cortiça, por isso, ficou conhecido pelo nome de Daruciriya, que quer dizer “aquele que veste cortiças”. “Estava convencido de que era um arahant.

Um dia, uma alma caridosa explicou a Daruciriya que ele não era um arahant, que devia seguir os ensinamentos do Buda para se transformar em arahant. Ao dizer isso, o monge se dirigiu imediatamente para Savatthi, onde estava o Buda naquela ocasião. Depois de uma extensa viagem, ao chegar ao mosteiro de Jetavana, em Savatthi, o Buda tinha ido à cidade para fazer sua ronda de esmolar. Daruciriya foi até a cidade. Ao se encontrar com o Buda, apresentou seus respeitos, solicitando-lhe o caminho que conduz à conversão em arahant. O Buda lhe pediu que voltasse ao mosteiro. Mas o monge expressou urgente desejo pelo Dhamma. O Buda se deu conta de que Daruciriya tinha muito pouco tempo de vida. Daruciriya estava maduro nos temas de meditação, mas não conhecia Vipassana. O Buda lhe explicou a técnica em poucas palavras:

Diṭṭhe diṭṭhamattam bhavissati – Ao ver, unicamente existe o ver.

Da mesma maneira, ao ouvir, unicamente existe o ouvir; ao cheirar, unicamente existe o cheiro; ao saborear, só existe o sabor; ao tocar, mero toque, ao saber, mero saber.

O sábio homem compreendeu as profundas instruções de Vipassana. Era dotado de méritos acumulados do passado. Praticando Vipassana ali mesmo, sua mente ficou livre de todo apego, libertando-se completamente de todo āsava, impulsos contaminantes. Morreu ali mesmo.

O Buda disse aos monges que havia se convertido em arahant e deu instruções para erguer uma estupa contendo os ossos que restaram, após sua cremação. Daruciriya foi abençoado!



88. Servindo aos enfermos

Certa vez, um monge tinha adoecido gravemente. Jazia débil e impotente sobre seus próprios excrementos. Durante uma inspeção do Buda ao mosteiro, junto com Ananda, foram até o monge e o Buda lhe perguntou:

- Monge, qual doença tem?
- Venerável, meu estomago está indisposto.
- Monge, alguém está cuidando de você?
- Não, senhor.
- Por acaso, os outros monges não estão cuidando de você?
- Venerável, eu jamais servi a qualquer outro monge, portanto, agora, ninguém cuida de mim.

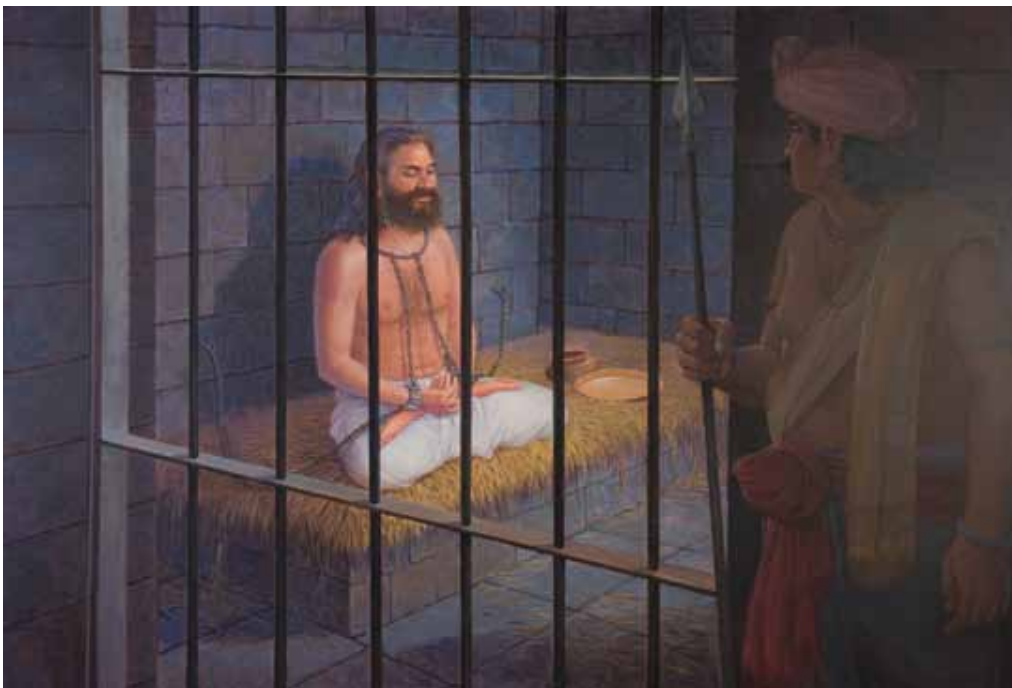
O Buda, com a ajuda de Ananda, limpou o monge enfermo e o deitou sobre seu catre. Depois, o Buda convocou todos os monges e lhes aconselhou.

- Monges! Aqui não têm seus pais para cuidar de vocês. Se não servirem uns aos outros, quem o fará? Seja o monge enfermo um mestre ou um aluno, se estiverem juntos, devem servi-lo durante a vida toda, até que se recupere. Se não servirem a todos os monges enfermos, isto será considerado como uma ofensa. Monges! Quem é um assistente apropriado? Aquele que siga estas cinco qualidades é o acompanhante apropriado para servir ao monge enfermo.

1. Aquele que conhece o remédio apropriado.
2. Aquele que sabe o que é apropriado e o que é inapropriado. Evita o inapropriado e procura o apropriado.
3. Aquele que não atende a interesses pessoais, mas sim serve ao enfermo com uma mente compassiva.
4. Aquele que, ao limpar os excrementos, mucosidades ou vômitos não o faça com asco.
5. Aquele que narra histórias do Dhamma ao monge enfermo, no momento certo, animando-o apropriadamente e inspirando-lhe entusiasmo com relação ao Dhamma.

Ó monges, tenham isto sempre presente:

Yo maṃ upaṭṭhaheyya so gilānaṃ upaṭṭhaheyya.
Aquele que quiser me servir, deve servir aos enfermos



89. Prisioneiro liberto

O rei Pasenadi de Kosala mandou para a prisão um ministro inocente. O prisioneiro era sábio. Deu-se conta de que isto era fruto de uma ação realizada em uma vida anterior – “Por que deveria contaminar minha mente? Por que não aproveitar apropriadamente o tempo que passar aqui? “

Começou a praticar Vipassana, que tinha aprendido de um monge. À medida que meditava, sua Vipassana cresceu e se tornou sotapana, entrou na corrente. Começou nova vida para si. Quando o rei se deu conta do desatino, imediatamente o libertou.



90. Dhammadinna

Dhammadinna era a esposa de Visakha, um rico tesoureiro de Rajgir. Visakha tornou-se discípulo do Buda. Perdeu todo tipo de desejo sexual com relação à sua esposa e qualquer avidez por comida. Sua esposa não gostou disso. Ele lhe explicou que, mediante a prática de Vipassana, tinha alcançado o estado de anagami, aquele que não retorna. Depois de tê-lo escutado, sua esposa desenvolveu um sentimento de urgência com relação ao Dhamma. Com a permissão de Visakha, aderiu à ordem das monjas. Tornou-se uma arahant.

Um dia, Visakha, o anagami, procurou-a e, respeitosamente, lhe fez algumas perguntas. Ao lhe fazer algumas perguntas profundas sobre o nirvana, Dhammadinna lhe disse que o compreenderia quando tivesse alcançado o estado de arahant. Inspirado por estas palavras de Dhammadinna, ele também alcançou o estado de arahant ao continuar sua prática de Vipassana.



91. Migaramata Visakha

Visakha, a filha de Dhananjaya, o banqueiro de Saketa, tinha se casado com Punnavaddhana, o filho de um banqueiro de Savatthi chamado Migara. Ela tinha dezesseis anos. Visakha tinha entrado em contato com o Buda, quando tinha sete anos. Como o Buda costumava passar os retiros de época chuvosa em Savatthi, ela teve a oportunidade de se encontrar com o Buda e avançou muito no Dhamma. Visakha construiu e doou ao sangha um enorme mosteiro, em Purvarama.

O Buda lhe conferiu o título de “a mais avançada discípula leiga entre todos os doadores”. Seu sogro não estava contente com sua nora. Certa vez, aborreceu-se e quis expulsá-la de casa. O assunto chegou até o tribunal da comunidade. As acusações do sogro eram refutadas com explicações apropriadas de Visakha. Migara ficou muito contente e convidou o Buda até sua casa. Escutou o discurso do Buda. À medida que o escutava, devido aos seus méritos do passado, experimentou o fluxo da impermanência em seu corpo. Foi muito afortunado!

A primeira coisa que fez foi se inclinar diante de Vesakha e declarar que ela era sua mãe! – “Você me deu hoje um novo nascimento. “

Desde então, Visakha ficou conhecida como Migaramata (mãe de Migara). Algum tempo depois, quando deu à luz um bebê, lhe deram o nome de Migara e seu novo nome voltou a ser relevante.



92. A mudança de Sujata

Sujata, a filha caçula de Visakha, estava casada com o filho do banqueiro Anathapindika. Sujata se sentia muito orgulhosa de ser a filha de um banqueiro tão rico. Gostava de discutir, era insolente e pouco respeitosa na casa de seus sogros. O calor das discussões era constante na família.

Certa vez, o Buda foi até sua casa e muito carinhosamente explicou como deveria ser uma esposa ideal, o que gerou impacto positivo nela, sentindo-se atraída até o Dhamma. Seu comportamento mudou. A paz e a alegria começaram a fluir novamente naquele lar.



93. A árvore de Bodhi de Ananda

O Buda costumava passar os quatro meses do retiro das chuvas no mosteiro de Jetavana. O resto do tempo, viajava para diferentes lugares com a finalidade de disseminar o Dhamma e o mosteiro de Jetavana permanecia vazio. Isto magoava Anathapindika. Para solucionar isso, ocorreu-lhe instalar um retrato ou uma estátua do Buda no mosteiro de Jetavana para que as pessoas continuassem a se sentir atraídas para o lugar, durante sua ausência. Anathapindika transmitiu seu desejo ao Buda, através de Ananda. No entanto, o Buda não consentiu. Se lhe erguessem templos dotados de retratos ou de estátuas, as pessoas somente compareceriam ao local para se prostrar e para rezar, esquecendo a técnica de Vipassana que os liberta de suas impurezas. Disse-lhe que, se realmente quisesse erguer ali um símbolo, que colhesse uma semente da árvore bodhi de Bodhgaya e a plantasse ali. Debaixo da árvore, as pessoas praticariam Vipassana e se desenvolveriam no Dhamma. A semente da árvore de Bodhi que Ananda trouxe, e a árvore que dela nasceu, é conhecida como a árvore de bodhi de Ananda. Hoje, 2600 anos depois, a nobre árvore ali continua.



94. O que é um pária?

Quando o Buda ia de casa em casa em sua ronda de esmolar, ao chegar à casa de Aggika Bharadwaj, esse gritou: “Alto! Ei, cabeça raspada! Pare! Não se aproxime! “ Estava temeroso de que uma sombra impura caísse sobre seu fogo de puros sacrifícios. Chamou-o “pária”, fazendo referência à mais inferior das castas baixas.

O Buda lhe perguntou se sabia quem era um autêntico pária. Ao lhe responder que não, o Buda explicou “Ninguém é pária ou brâmane por nascimento. Somente pelas próprias ações, tornamo-nos párias. Somente pelas próprias ações, tornamo-nos brâmanes. “ O filho do vigia do cemitério, Sopaka, era considerado alguém de casta inferior, mas progrediu no Dhamma mediante Vipassana. Quando, ao morrer, foi para o plano brahmânico, a casta não foi obstáculo. De igual maneira, quando um brâmane letrado nos vedas comete uma ação pecaminosa, sua casta não o pode salvar de ir para os planos inferiores da existência.

Ao escutar as palavras do Buda, Aggika Bharadwaj tomou refúgio no Buda.
Foi muito afortunado!



95. O nobre Bimbisara

Devadatta seduziu o príncipe Ajatasattu, colocando-o no seu bolso por intermédio da exibição de poderes milagrosos. Seu propósito era o de matar o Buda e ser líder do sangha de monges. No entanto, isto não era possível enquanto o rei Bimbisara fosse vivo, uma vez que era devoto seguidor do Buda. Portanto, incitou Ajatasattu a matar seu pai. Ajatasattu tentou sem êxito. Depois disso, Bimbisara, levado por seu afeto paterno, cedeu o trono a Ajatasattu e se retirou. Seguindo os perversos conselhos de Devadatta, este aprisionou Bimbisara e planejou matá-lo de fome. A mãe de Ajatasattu empreendeu incessantes esforços para salvar seu marido de uma morte por inanição, mas terminou fracassando. Bimbisara era um meditador de Vipassana. Começou a praticar Vipassana enquanto caminhava. Foi assim que enfrentou a dor da fome. Ajatasattu não podia permitir isso, então, fez com que o barbeiro real, com uma lâmina, provocasse feridas nas solas dos pés de Bimbisara, jogando sal nas feridas para que, desta forma, não fosse sequer capaz de caminhar. Apesar de toda esta dor, não gerou qualquer traço de aversão com relação ao seu filho. Bimbisara era um firme meditador de Vipassana. Foi por isso que sua mente não fraquejou, apesar da dor insuportável até a morte.



96. A conspiração para matar o Buda

Devadatta, juntamente com Ajatasattu, estava tramando matar o Buda. Traçaram um plano que fazia uso de assassinos profissionais. Mas o Buda se salvou. Os assassinos também se salvaram. O plano de Devadatta fracassou.



97. Nalagiri

Devadatta hizo numerosos esfuerzos para acabar con la vida del Buddha. Pero siempre fracasaba. En los establos de los elefantes había uno fuerte y robusto llamado Nalagiri. Cuando el Buddha entró en la ciudad para hacer su ronda de limosnas, Devadatta liberó al excitado elefante en la misma calle. Nalagiri irguió su tronco, meneando ambas orejas, y haciendo sonar su trompeta corrió hacia el Buddha. Los monjes le pidieron al Buddha que abandonara la calle y se alejara del lugar. Pero el Buddha, sin miedo, sin vacilar, continuó caminando con la mente en calma. De su mente brotó una fuente de compasión hacia el elefante enfurecido. El elefante recibió un refrescante baño de metta, calmándose. Colocándose frente al Buddha, se reclinó, sentándose sobre sus rodillas. El Buddha le acarició cariñosamente el cuerpo con sus manos. Estaba encantado. Recogió el polvo que había a los pies del Buddha y soplando por encima de su cabeza se puso en pie y se alejó. ¡Nalagiri fue bendecido!

Devadatta fez numerosos esforços para acabar com a vida do Buda. Mas sempre fracassava. Nos estábulos dos elefantes, havia um forte e robusto deles chamado Nalagiri. Quando o Buda entrou na cidade para fazer sua ronda de esmolar, Devadatta libertou o agitado elefante na mesma rua. Nalagiri ergueu seu tronco, abanando as duas orelhas e fazendo soar sua tromba, correu na direção do Buda. Os monges pediram ao Buda para abandonar a rua e se afastar do lugar. Mas o Buda, sem medo, sem vacilar, continuou caminhando com a mente calma. De sua mente, brotou uma forte compaixão com relação ao elefante enfurecido. O elefante recebeu um refrescante banho de metta, acalmando-se. Colocando-se em frente do Buda, se inclinou, sentando-se sobre seus joelhos. O Buda acariciou carinhosamente seu corpo com as mãos. Ficou encantado. Removeu o pó que havia aos pés do Buda e, soprando por cima de sua cabeça, ergueu-se e partiu. Nalagiri foi abençoado!



98. Eu mesmo o matarei

Ao não obter êxito em gerenciar o assassinato do Buda, Devadatta tentou matar o Buda ele mesmo. Para conseguir isso, teve a ideia perfeita. Quando o Buda foi até a montanha Gijjhakutta, na metade da viagem, durante a subida, parou para descansar um pouco à beira do caminho. Neste momento, Devadatta empurrou uma grande pedra do alto da montanha sobre o Buda. A pedra colidiu-se contra outra pedra e ficou entalada. Mas a pedra se estilhaçou e uma lasca caiu sobre o pé do Buda, ferindo-o. O Buda escapou. O Buda suportou a dor com equanimidade.



99. Ajatasattu está aterrorizado

Ajatasattu sempre estava perturbado por ter matado seu pai. Certa vez, foi com Jivaka se encontrar com o Buda, que estava no bosque das mangueiras. Ali meditava o Buda, junto com seus 1250 monges. Antes de chegar ao bosque das mangueiras, assustou-se ao pensar que poderiam lhe ter armado uma arapuca para pegá-lo. “Uma quantidade tão grande de gente sentada e não se ouve sequer uma só tosse, sequer um só pigarro?” Jivaka o tranquilizou e, quando chegaram perto do Buda, ficaram impressionados ao verem tanta gente. O Buda lhe deu um conselho, por intermédio do qual conseguiu ficar em paz. Converteu-se em um seguidor do Buda.



100. Tolerância e equanimidade

Bandhula Malla e o príncipe Pasenadi tinham estudado juntos em Takshasila. Tornaram-se bons amigos. Quando o príncipe Pasenadi foi coroado rei de Kosala, designou Bandhula como general do exército.

Bandhula desempenhava sua tarefa extremamente bem. Sua posição e seu poder deixaram algumas pessoas enciumadas, as quais intoxicaram a mente do rei ao dizerem que Bandhula estava tramando assassinar o rei com a ajuda de seus poderosos filhos e do exército, a fim de usurpar-lhe o trono.

O rei Pasenadi entrou em pânico, ordenando a execução de Bandhula e de todos os seus filhos. Neste mesmo dia, Mallika, a esposa de Bandhula tinha convidado alguns monges para comer em sua casa. Os monges compareceram. Enquanto os servia, acidentalmente, uma serviçal deixou cair um pote, que se quebrou. Um monge ancião pediu à Mallika que não se zangasse com a serviçal.

Mallika respondeu: “Venerável, como poderia me aborrecer por isso? Faz pouco tempo que recebi a notícia de que, por ordem real, meu marido e todos os meus filhos foram executados. Ninguém se salvou. Tenho mantido o equilíbrio de minha mente, inclusive diante de tão catastróficas notícias! “

Mallika era uma autêntica discípula do Buda. Tinha amadurecido em sabedoria, graças à Vipassana. Permaneceu impávida, inclusive diante dessa enorme calamidade.

Enorme era a tolerância de Mallika e enorme era sua equanimidade. Enorme é Vipassana.



101. Beijar os pés do Buda que está pleno de Dhamma

Pasenadi, o rei de Kosala, tinha quase 80 anos. O Buda também tinha a mesma idade. Uma vez, quando se encontrou com o Buda, começou a beijar-lhe os pés e a esfregá-los com as mãos. O Buda lhe perguntou: “Por que faz isso? Então, ele respondeu: “O senhor é Dhamma personificado. “Relatou diversos episódios descrevendo-o como a personificação do Dhamma, o circunvalou e partiu.



102. O destrutivo sistema de castas

Tanto os Sakyas, quanto os Koliyas se autoconsideravam de casta elevada e consideravam Prasenjeet casta baixa. Para poder subir de casta, Prasenjeet queria se casar com uma princesa Sakya, o que era inaceitável para os Sakyas. Mas, tampouco poderiam ofendê-lo. Então, o enganaram anunciando-lhe que a escrava Vasabhakhattiya era uma princesa e a casaram com ele. Vasabhakhattiya deu à luz um filho chamado Vidudabha. Algum tempo depois, quando Vidudabha soube a verdade sobre Vasabhakhattiya, enfureceu-se. Ao subir ao trono, depois de Prasenjeet, declarou guerra aos Sakyas para se vingar. Este venenoso sistema de castas é o que acabou com os Sakyas.



103. Conselho aos Licchavis pelo bem da república

Certa vez, o Iluminado foi a Vesali e, então, os Licchavis de Vesali lhe fizeram perguntas sobre a independência e a segurança da república. As sete respostas dadas pelo Buda sobre a segurança de uma república são eternamente inevitáveis para a segurança de qualquer república.



104. Ambapali e os príncipes Licchavis

Ambapali se sentia atraída pelo Buda. Deixou de exercer a prostituição, tornando-se extremamente devota do Buda. Quando soube que ele estava alojado no bosque das mangueiras, foi buscá-lo para lhe pedir que aceitasse um convite para comer no dia seguinte. Em seu caminho de volta, encontrou-se com os príncipes Licchavis. Eles também estavam a caminho para se encontrar com o Buda e convidá-lo, mas Ambapali já o havia convidado. Ofereceram-lhe cem mil moedas para que retirasse seu convite, a fim de terem eles a oportunidade de convidá-lo. Mas, como iria ela aceitar?



105. A serviço de uma mãe

Sariputta tinha 84 anos. Faltava apenas uma semana para chegar a sua hora de entrar no parinirvana e via que sua mãe, de 100 anos, todavia não aceitara o ensinamento do Buda. Foi à casa de sua mãe e, entrando no quarto em que tinha nascido, começou a meditar. Quando caiu a noite, a mãe pôde observar que uma luz abundante emanava do quarto. Ela perguntou-lhe qual seria a causa. Sariputta disse que os reis guardiões das quatro direções tinham chagado. Junto com Indra, tinham vindo o rei dos Devas, os devas do mundo dos devas, e os brahmas do mundo dos brahmas. Tinha vindo para ver o arahant pela última vez. Ao escutar isso, a mãe se regozijou: “Se meu filho é tão poderoso e bem-sucedido, definitivamente, seu mestre deve ser ainda maior.” Seu corpo se estremeceu e seu cabelo se eletrizou, com uma sensação de êxtase. A experiência da impermanência de Vipassana surgiu. Converteu-se em sotapana (entrou na corrente). Foi um serviço incomparável de um filho para com sua mãe.



106. A forma correta de venerar o Buda

Quando Sidarta Gótama se tornou samma sambuda, todos os membros de sua família imediata ficaram maravilhados. Todos se beneficiaram. Mas seus parentes se opuseram a ele. Um deles era Tissa, o primo de Sidarta. Ao crescer, caiu em si, dando-se conta da quantidade de pessoas que estava percorrendo o caminho do Buda – “Por que não percorro este caminho também e investigo?” Ordenou-se monge, mas seu ego permanecia intacto. O Buda o fez entender e o colocou para meditar Vipassana. Quando o Buda estava em Vesali (Vaishali) com seu sangha, anunciou que obteria o parinirvana em quatro meses a partir daquela data. Os monges se entristeceram com isso. Aqueles que estavam menos avançados, sentaram-se perto do Buda e começaram a chorar. Outros ofereceram guirlandas de flores perfumadas, tal qual era a tradição. Mas Tissa pensou que o Buda alcançaria o parinirvana – “Devo me converter em arahant, enquanto estiver vivo.” Com este pensamento, começou a praticar Vipassana sozinho. O Buda expressou sua aprovação explicando aos monges que esta era a maneira apropriada de mostrar devoção a ele e não mediante a oferta de flores e de perfumes. “Continuar progredindo no Dhamma, passo a passo, é a maneira correta de me honrar.”



107. Honrarias apropriadas ao Buda

Ao chegar o Buda aos 80 anos, Mara lhe lembrou que certa vez dissera que, quando seus monges, monjas, leigos e leigas estivessem experientes no ensino de Vipassana, ele alcançaria o parinirvana. Agora, chegara este momento. “Tal qual desejaste, agora existem professores do Dhamma. Deves ascender ao parinirvana. “ Então, o Buda decidiu ascender ao mahaparinirvana.



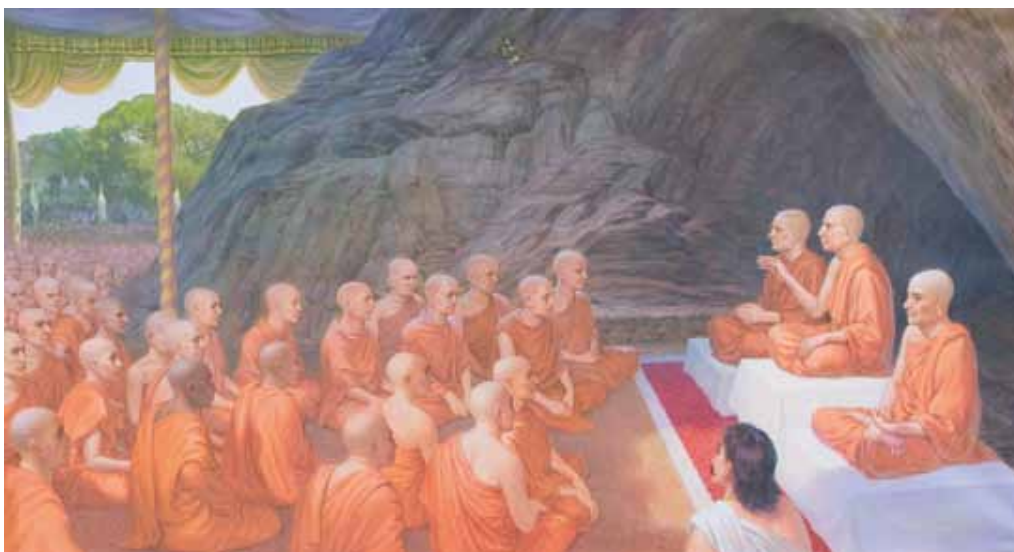
108. A ordenação de Subhadda

Na noite do parinirvana, o senhor Buda estava deitado nos arredores de Kushinagar, entre duas árvores sala gêmeas. As pessoas chegavam e se inclinavam diante dele. O recluso Subhadda queria aprender Dhamma dele. Ananda o deteve, dizendo-lhe que este era o momento de sua entrada no mahaparinirvana. “Como poderia explicar o Dhamma?” Ao ouvir isso, o Buda deteve Ananda e chamou Subhadda. Ensinou-lhe Dhamma com breves palavras. Mais tarde, praticando meditação Vipassana, obteve a libertação total.



109. Os restos mortais do Buda

Apenas uns momentos antes do parinirvana do Buda, Ananda lhe perguntou: “Depois do parinirvana, como devemos honrar os restos de teu corpo material?” O Buda disse que, após a cremação do corpo, qualquer elemento corporal (dhatu) que tenha restado deveria ser enterrado em uma estupa. As pessoas comuns poderiam prestar homenagem mediante a oferta de flores, ganhando méritos, mas os meditadores como tu deveriam obter o benefício ao ali meditar.



110. O primeiro sínodo e o segundo sínodo

Três meses após o mahaparinirvana do Buda, o Venerável Ancião Mahakassapa, junto com outros 500 monges arahants, dirigiram o Primeiro Sínodo, em Rajgiri. Todos os monges que participaram deste sínodo eram arahants. A presença do Venerável Ananda neste sínodo era absolutamente essencial. Tendo em vista que tinha servido o Buda como seu assistente pessoal por vários anos, tinha escutado e memorizado todos os seus discursos. Mas o venerável Ananda era apenas um sotapana e, portanto, não podia participar do sínodo. No entanto, praticando ardentemente durante a noite, tornou-se arahant. Assim, tornou-se o 500º monge, participando do sínodo, que começou na manhã seguinte.

Quando o Segundo Sínodo foi realizado, o sangha de monges já se tinha dividido em dois grupos. Um grande grupo de monges rejeitava algumas das regras estabelecidas pelo Buda e realizaram um sínodo separado, por sua própria conta.

No entanto, aqueles monges que mantiveram pura a tradição não fizeram qualquer mudança (emenda) nas regras e realizaram o Segundo Sínodo, sob a tutela do Rei Kalasoka. Deste sínodo, participaram 700 monges. O sínodo ocorreu 100 anos após o parinirvana do Buda.



111. O imperador que conquistou corações

Quando viu os trágicos resultados gerados pela guerra de Kalinga, o coração de Asoka se transformou. Entrou em contato com os ensinamentos do Buda. Pouco depois, foi a Bairat e aprendeu Vipassana do professor Upagutta. Fez o voto de não declarar guerra contra qualquer outro país com o fito de anexá-lo ao seu reino. Para proteger o país, ergueu um grande forte na fronteira oeste da Índia, mobilizando enorme exército. A intenção não era a de atacar outros países, e sim a de defender seu reino. Se conquistasse algo, fazia-o por intermédio do amor, por intermédio do Dhamma. Assim sendo celebrou o Terceiro Sínodo e enviou Dhamma e Vipassana puros para todos os países vizinhos, os quais foram profundamente influenciados por este ato. Tanto que, até a data de hoje, o consideram um rei ideal. Em todo o sentido da palavra, foi um imperador que conquistou corações.

Infelizmente, transcorridos 100 anos do reinado de Asoka, já não restavam mais monges que conheciam o Tipitaka de cor. Tampouco existiam mais professores de Vipassana na Índia. Fugiram para os países vizinhos, a fim de salvar suas vidas. É por isso que o Terceiro Sínodo, que ocorreu sob a proteção de Asoka, foi o último realizado na Índia.



112. O Terceiro Sínodo

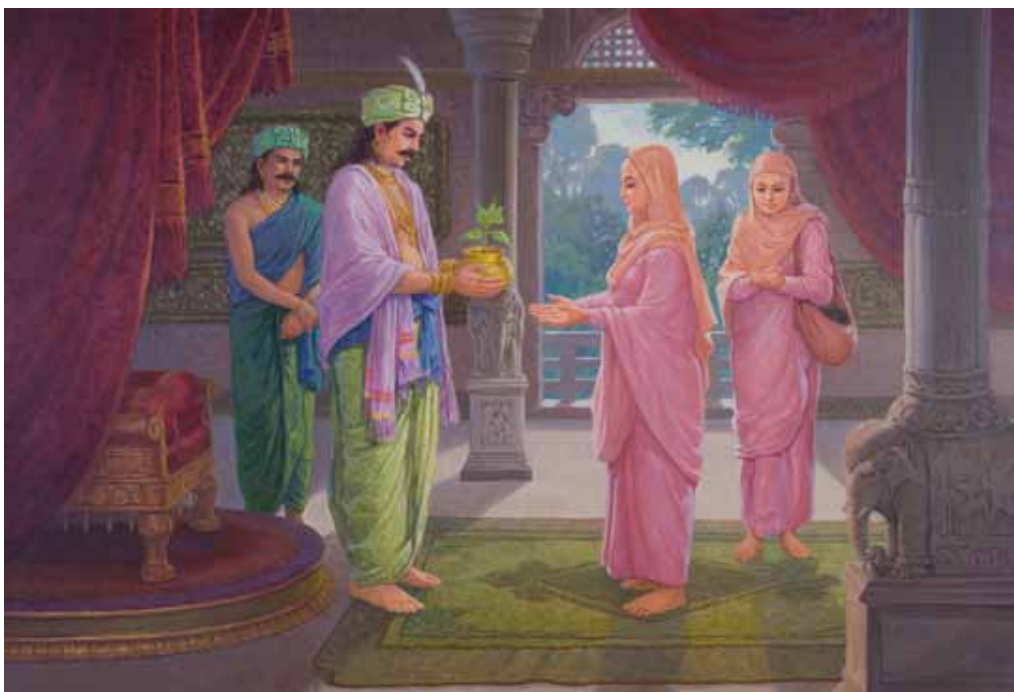
O imperador Asoka ficou extremamente perturbado pela guerra de Kalinga. É por isso que se voltou para os ensinamentos do Buda. Viajou até Bairat (Biratnagar) no Rajastão, para praticar meditação Vipassana. Ali aprendeu Vipassana do professor Upagupta. Como resultado disto, tornou-se sotapana (entrando na corrente). O Terceiro Sínodo foi celebrado sob o patrocínio do Imperador Asoka e liderado pelo Venerável professor Moggaliputta Tissa. Após o evento, os ensinamentos do Buda foram disseminados para vários países.

O Venerável Sona e o Venerável Uttara foram enviados para Suvannabhumi (Birmânia do Sul e Tailândia do Oeste) como mensageiros do Dhamma. Até o dia de hoje, tanto as palavras do Buda quanto a meditação Vipassana vêm sendo preservadas em sua pureza prístina na Birmânia.



113. O monge Mahinda

Sua mãe Vedisadevi se casara com o príncipe Asoka, mas ela não foi a Pataliputta. Enviou seu filho Mahinda e sua filha Sanghamitta a Pataliputta. Ambos aprenderam Dhamma do Venerável Mogalliputta Tissa, o professor do Imperador Asoka. O Venerável Mahinda se tornou arahant. Asoka tinha acordado o casamento de Sanghamitta e ela não podia se tornar arahant. Asoka enviou seu filho Mahinda para disseminar o Dhamma no Sri Lanka. Piyadassi Tissa, que era rei do Sri Lanka naquela época, apoiou o arahant Mahinda de todas as formas possíveis. Pediu ao Imperador Asoka umas relíquias sagradas do Buda e, com todas as honras, as guardou em um pagode de relíquias (estupa) construído no Sri Lanka. Quando o arahant Mahinda faleceu, uma estupa foi construída para abrigar seus restos mortais. As duas estupas existem ainda no Sri Lanka.



114. Sanghamitta

O monge Mahinda cumpriu com êxito a sua missão de disseminar o Dhamma no Sri Lanka. De igual maneira, as mulheres da família real também queriam ser ordenadas e se converter em monjas. Para tanto, o monge Mahinda convocou Sanghamitta. A essa altura, seu quarto filho já tinha sido ordenado, com a idade de 7 anos, e já estava aprendendo Dhamma. De modo que Sanghamitta se ordenou monja e, quando chamada para ir ao Sri Lanka, foi ensinar Dhamma.



115. O Quarto Sínodo

O Quarto Sínodo foi realizado no Sri Lanka em 29 DC sob o patrocínio do rei Vattagammi e liderado pelo Venerável Maharakkhita. Foi dirigido com êxito por 500 monges que eram tipīṭakadharas (aqueles que memorizaram por completo o cânone páli, formado pelos três piṭakas). Durante este sínodo, todo o ensinamento canônico do Buda, por completo, foi escrito em folhas de palmeira com o propósito de preservá-lo em sua forma pura. É por isso que o Quarto Sínodo trouxe resultados muito benéficos.



116. Restauração do Dhamma puro

Há cerca de mil anos, aproximadamente, todas as tradições espirituais da Índia se tinham corrompido em maior ou em menor grau. Os ensinamentos do Buda tampouco eram exceção. Este defeito se propagou por Bengala, Assam e Manipur, adentrando também a Birmânia. Bagan, a capital da Birmânia naquela época, tornou-se o núcleo dessa decadência. No entanto, ao sul, no reino Mon, tanto Vipassana, quanto o Tipitaka, se preservaram em sua forma pura. Um arahant daquela região, Dhammadassi, foi a Bagan e explicou claramente os ensinamentos do Buda ao rei Aniruddha. A partir de então, o Dhamma puro foi restaurado.



117. O Quinto Sínodo

Dois mil e quatrocentos eminentes e eruditos monges participaram do Quinto Sínodo, organizado na Birmânia. O sínodo foi celebrado sob o patrocínio do antigo rei Min Don Min e liderado pelo venerável Mahathera Jagaravibhamsa, o Venerável Mahathera Narindabhidhaja e o Venerável Mahatera Sumangala Sami. Durante este sínodo, os ensinamentos completos foram escritos entalhados em enormes lajes de mármore, para que as palavras do Buda pudessem ser preservadas durante eras. Um sucesso notável que ocorreu durante este sínodo foi a participação de um jovem e erudito monge chamado Venerável Nyanadhaja. Dominava todas as palavras do Buda e também o aspecto prático (paṭipatti). Mais tarde, ficou famoso pelo nome de Venerável Ledi Sayadaw. Uma contribuição muito significativa de sua parte foi a de tornar acessível aos leigos o ensinamento de Vipassana, que previamente estava restrito aos monges. Também treinou um discípulo leigo muito competente chamado Saya Thetgyi, nomeando-o professor.



118. O Venerável monge Ledi Sayadaw

No último século, Ledi Sayadaw foi uma estrela brilhante no ensinamento de Vipassana. Não só era um professor de Vipassana, senão ainda um erudito da literatura páli, incluindo o Tipitaka completo. Foi um visionário que pensava que, depois de a Primeira Era do Buda ter terminado, uma Segunda Era podia começar mediante os benéficos ensinamentos de Vipassana e se expandir por todo o mundo. Para assegurar uma expansão de Vipassana em nível mundial, decidiu que Vipassana não deveria se limitar unicamente a professores monges. Na época do Buda, existiam ambos, monges e monjas e professores leigos. Esta tradição se perdeu no tempo, depois. No entanto, Ledi Sayadaw a reviveu.



119. O Sexto Sínodo

Este sínodo foi organizado em Rangum, em 17 de maio de 1954, sob a tutela do primeiro ministro da Birmânia, U Nu. Dois mil e quinhentos monges birmaneses e de países budistas vizinhos participaram deste sínodo. Este foi o ano em que tinham transcorridos exatos 2.500 anos do mahaparinirvana do Buda. Naquela época, a tecnologia de impressão havia evoluído consideravelmente. Portanto, toda literatura páli completa, incluindo os atthakathās (comentários) e os ṭīka (subcomentários) foi publicada no sistema de escrita birmanês.

Depois de Saya Thetgyi, o primeiro professor leigo de Vipassana foi Sayagyi U Ba Khin. Também ensinou Vipassana aos leigos provenientes de outros países. Designou seu aluno principal Rev. Goenkaji professor e, por seu intermédio, enviou até a Índia tanto os ensinamentos escritos quanto Vipassana. O Vipassana Research Institute foi criado em Igatpuri, Índia. Esta instituição publica o Tipiṭaka completo, bem como a literatura dos comentários em 140 volumes e os distribui sem qualquer custo. Também publicou um CD-ROM que inclui toda a literatura nestes 7 sistemas de escrita: devanagiri, latino, singalês, birmanês, tailandês, cambojano, mongol. Depois, publicou na internet em outros alfabetos indianos como kannada, malayalam, telugu, gurumukhi e também gujarati, para que as pessoas que conheçam tais sistemas de escrita também possam estudar os ensinamentos do Buda.



120. Saya Thetgyi, o santo leigo

Saya Thetgyi nasceu em uma família de fazendeiros comuns. Seu interesse no Dhamma o levou a aprender Anapana. Mais tarde, o venerável Ledi Sayadaw não só lhe ensinou Vipassana, senão ainda o treinou, autorizando-o a ensinar Vipassana. Era um professor de Vipassana modelar e altamente venerado. Saya Thetgyi ensinou Vipassana a mais de mil pessoas, tanto leigos, quanto integrantes do sangha.



121. Sayagyi U Ba Khin

Depois de Saya Thetgyi, Sayagyi U Ba Khin tornou-se professor de Vipassana. Ensinou Vipassana não somente aos birmaneses seguidores dos ensinamentos do Buda, senão também a leigos estrangeiros, incluindo os indianos expatriados. Acreditava firmemente que, no início da Segunda Era do Buda, tanto as palavras do Buda, quanto o ensino de Vipassana se estabeleceriam na Índia e dali se disseminariam para todo o mundo.



122. Goenka e Mataji

Sayagyi U Ba Khin designou seu discípulo principal, Satya Narayan Goenka, professor de Vipassana e foi através de Goenkaji que enviou à Índia tanto palavras do Buda quanto a meditação Vipassana. Disse a Mataji que ela também deveria ir à Índia ajudar seu marido. Um ano mais tarde, ela foi para a Índia, unindo-se a Goenkaji em sua missão. Após ter ensinado Vipassana por dez anos, começaram a ensinar Vipassana fora da Índia. Criou o Vipassana Research Institute, em Igatpuri. Este instituto publicou os 140 volumes do Tipitaka em páli e a literatura dos comentários, distribuindo-os sem qualquer custo. Também verteram ao formato digital a literatura páli completa, gravando tudo em CD e distribuindo-o gratuitamente. Hoje em dia, toda a literatura páli está disponível em 14 sistemas de escrita pela internet. Sob a direção de Goenkaji (dezembro de 2010) Vipassana é ensinada em sessenta idiomas diferentes em todo o mundo. Foram fundados 163 centros residenciais de Vipassana e outros mais estão em vias de serem criados. Adicionalmente, os cursos residenciais de 10 dias de Vipassana são oferecidos em numerosos centros de caráter não permanente, em distintos países, em todo o mundo.